

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Veruschka Pereira Greenhalgh

**ENTRE LINHAS E NARRATIVAS: MULHERES QUE TECEM MEMÓRIAS, DO
COLÉGIO STELLA MARIS PARA A VIDA**

RECIFE
2020

Veruschka Pereira Greenhalgh

**ENTRE LINHAS E NARRATIVAS: MULHERES QUE TECEM MEMÓRIAS, DO
COLÉGIO STELLA MARIS PARA A VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção de título de Mestra em Artes Visuais.

Área de concentração: Artes Visuais e seus Processos Educacionais, Culturais e Criativos.

Orientadora: Professora Doutora Luciana Borre Nunes

RECIFE
2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

G813e Greenhalgh, Veruschka Pereira
Entre linhas e narrativas: mulheres que tecem memórias, do Colégio Stella Maris para a vida / Veruschka Pereira Greenhalgh. – Recife, 2020.
115f.: il.

Orientadora: Luciana Borre Nunes.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2020.

Inclui referências.

1. Educação feminina. 2. Memórias afetivas. 3. Fazer artístico. I. Nunes, Luciana Borre (Orientadora). II. Título.

700 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2020-220)

Veruschka Pereira Greenhalgh

**ENTRE LINHAS E NARRATIVAS: MULHERES QUE TECEM MEMÓRIAS, DO
COLÉGIO STELLA MARIS PARA A VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção de título de Mestra em Artes Visuais.

Aprovada em: 20/02/2020

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Luciana Borre Nunes (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Maria Betânia e Silva (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Fabiana Cristina da Silva (Examinadora externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico esse trabalho aos meus pais, Leonizia e Carlos Magno, vivos em minhas lembranças das viagens a Triunfo. A minha querida filhinha Hannah por estar sempre acreditando em meu potencial e vibrando com meu sucesso, e a meu companheiro Ivson, que sempre esteve ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

A professora Luciana Borre, minha orientadora, que se fez presente em todas as etapas deste trabalho, caminhando ao meu lado, construindo comigo uma relação de confiança.

As ex-alunas do Colégio Stella Maris, pelas conversas agradáveis, pela confiança em minha pessoa, pelas confidencias e pelas imagens cedidas, o que me renderam riquíssimas contribuições na construção desta pesquisa.

A Roderise Melo pelo incentivo e investimento em diversas fases da pesquisa.

A minha família pela confiança e motivação.

A minha querida filha, pelo incentivo, apoio e força.

Ao meu companheiro, pela parceria.

Aos amigos, pela vibração e torcida.

A Coordenadora do curso pelo apoio.

Aos professores pela dedicação e ensinamentos.

Aos colegas do PPGAV/UFPB/UFPE, pois juntos trilhamos uma etapa importante de nossas vidas.

Aos funcionários da UFPE pela atenção e gentileza.

Aos triunfenses que sempre me receberam de braços abertos.

A todos que colaboraram para a realização e finalização deste trabalho.

“As lágrimas e sorrisos transbordavam pelas linhas, se espalhavam no tecido e ali se prendiam: histórias, afetos, memórias, passado, mas acima de tudo, sabedoria feminina.” (HANNAH GREENHALGH, 2020)

RESUMO

O presente trabalho “Entre linhas e narrativas: mulheres que tecem memórias, do Colégio Stella Maris para a vida”, foi desenvolvido no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais - UFPE/UFPB em 2018/2020. A pesquisa buscou conhecer quais os sentidos que as mulheres artesãs da cidade de Triunfo/PE construíram sobre o fazer artístico feminino relacionado aos seus processos de escolarização. Bem como: analisar a educação feminina em Triunfo nos meados do século XX, com o foco na disciplina de Trabalhos Manuais no Colégio Stella Maris; conhecer como se deu o aprendizado dos trabalhos com linhas, como tais artesãs percebem sua participação no desenvolvimento sociocultural da cidade. A metodologia empregada situa-se nas narrativas de vida. Para tanto, selecionei quatro artesãs ex-alunas do Colégio Stella Maris entre as décadas de 1950 e 1960, que fazem de suas práticas cotidianas uma razão de viver. Como procedimentos metodológicos realizei anotações em diário de campo, entrevistas semiestruturadas com gravações de áudio, observações e registros imagéticos. Para o embasamento teórico trouxe à reflexão temas como educação feminina, questões de gênero, disciplina escolar de trabalhos manuais, memórias individual e coletiva. Trouxe ainda uma breve contextualização histórica da cidade e do colégio. E apresentei relações com minhas memórias de infância e o que me instigou nessa pesquisa, pois acredito que estão entrelaçadas como linhas que unem um ponto ao outro nessa trama.

Palavras-chave: Educação feminina. Memórias afetivas. Fazer artístico.

ABSTRACT

The present work “Between lines and narratives: women who weave memories, from Colégio Stella Maris for life”, was developed in the Associate Program of Pos Graduate Studies in Visual Arts - UFPE / UFPB in 2018/2020. The research sought to know what the meanings that the artisan women of the city of Triunfo / PE built on the feminine artistic work related to their schooling processes. As well as: analyzing female education in Triunfo in the middle of the 20th century, with a focus on the discipline of Handicrafts at Colégio Stella Maris; to know how the work with lines was learned, how these artisans perceive their participation in the socio-cultural development of the city. The methodology used is located in life narratives. To this end, I selected four artisans who were students of Colégio Stella Maris between the 1950s and 1960s, who make their daily practices a reason to live. As methodological procedures I made notes in a field diary, semi-structured interviews with audio recordings, observations and imagery records. For the theoretical basis, it brought to reflection themes such as female education, gender issues, school discipline of manual works, individual and collective memories. It also brought a brief historical contextualization of the city and the college. And I presented relations with my childhood memories and what instigated me in this research, because I believe that they are intertwined as lines that connect one point to another in this plot.

Keywords: Feminine education. Affective memories. Make artistic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A cidade vista do Mirante do Alto da Boa Vista, Cristo Redentor.....	17
Figura 2 - Cine Theatro Guarany.....	18
Figura 3 - Lago João Barbosa Sitônio.....	29
Figura 4 - Casario em frente a Praça Monsenhor Eliseu Diniz.....	20
Figura 5 - Eu, a pesquisadora, na Rua Padre Ibiapina.....	22
Figura 6 - Antônia Paiva.....	27
Figura 7 - Joselita Vasconcelos.....	29
Figura 8 - Toalha de centro em tricô artístico feito por D. Joselita.....	30
Figura 9 - Toalha de mesa em tricô artístico feito por D. Joselita.....	30
Figura 10 - Detalhe dos pontos do tricô artístico da toalha de mesa.....	31
Figura 11 - Detalhe aproximado dos pontos do tricô artístico da toalha de mesa.....	31
Figura 12 - Jogo de agulhas circulares.....	32
Figura 13 - Agulhas circulares.....	33
Figura 14 - Revista alemã de modelos de pontos.....	33
Figura 15 - Natercia Gomes.....	34
Figura 16 - Bolsinha em crochê com broche de papel machê.....	35
Figura 17 - Bolsinhas de crochê e bordados com o tema dos Caretas.....	35
Figura 18 - Roupas em crochê e tricô.....	36
Figura 19 - Socorro Moraes.....	37
Figura 20 - Paninho de console bordado com bico em crochê feito por Socorro.....	38
Figura 21 - Toalha de mesa de crochê e fuxico, feita por Socorro.....	39
Figura 22 - Toalhinha de centro em crochê feita por Socorro.....	40
Figura 23 - Forro de almofada em crochê feito por socorro.....	41
Figura 24 - Centro de mesa em crochê com fuxico feito por Socorro.....	42
Figura 25 - Detalhe do centro de mesa em crochê com fuxico feito por Socorro.....	42
Figura 26 - Centro de mesa em fuxico feito por Socorro.....	43
Figura 27 - Diana Rodrigues Lopes.....	44
Figura 28 - Irmã Clarice Oliveira.....	45
Figura 29 - Delvanira.....	46
Figura 30 - Álbum de amostras de bordados de Delvanira.....	47
Figura 31 - Ponto cheio.....	48
Figura 32 - Ponto ajour, barras enroladas.....	49

Figura 33 - Ponto ajour, cheio.....	49
Figura 34 - Floral com pontos diferentes: ponto cheio e pintura de agulha.....	50
Figura 35 - Floral em ponto cheio e pintura de agulha.....	50
Figura 36 - Foral em ponto cheio.....	51
Figura 37 - Foral em ponto cheio.....	51
Figura 38 - Ponto ajour.....	52
Figura 39 - Ponto ajour.....	52
Figura 40 - Lar Santa Elizabeth.....	62
Figura 41 - Pátio interno do Lar Santa Elizabeth.....	62
Figura 42 - Lojinha do Lar Santa Elizabeth.....	63
Figura 43 - Toalhinha de centro em crochê feito pela Irmã Clarice, quando aluna.....	64
Figura 44 - As irmãs Clarice e Delvanira.....	65
Figura 45 - Rumo à Triunfo colher histórias e ao encontro com minhas memórias.....	66
Figura 46 - Colégio Stella Maris, entrada principal.....	70
Figura 47 - Piso de Ladrilhos Hidráulicos. Que venham novos caminhos, meus pés estão prontos para seguir.....	71
Figura 48 - Um convite para entrar...Corredor da entrada lateral rodeado de jardins..	72
Figura 49 - Pátio interno.....	73
Figura 50 - Corredores ao redor do pátio.....	74
Figura 51 - Capela.....	75
Figura 52 - Imagem de São Francisco.....	75
Figura 53 - Corredor interno.....	75
Figura 54 - Sala de aula, a única que ainda preserva o piso original de madeira.....	76
Figura 55 - Área dos dormitórios, ainda conserva o afresco.....	76
Figura 56 - Memorial Stella Maris, no prédio anexo do Lar Santa Elizabeth.....	79
Figura 57 - Tricotadeira manual, acervo do Memorial Stella Maris.....	80
Figura 58 - Portão principal do colégio.....	109

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	NÓ INVISÍVEL, ONDE TUDO COMEÇA	17
2.1	“TRIUNFO, AQUI NÃO SE MORA, SE VIVE!”.....	17
2.2	ONDE MORAM AS MEMÓRIAS.....	21
2.3	DO OLHAR CURIOSO À PESQUISA.....	24
2.4	DOS ENCONTROS ÀS ENTREVISTAS.....	25
3	DO RISCO AO PONTO, DESENHANDO A ESTRELA NO SERTÃO	56
3.1	STELLA MARIS, UMA ESTRELA DE AUGSBURG BRILHA EM TRIUNFO.....	56
3.2	DOS QUESTIONAMENTOS AO CAMPO DE PESQUISA.....	65
3.3	NOVOS OLHARES E OS LIMITES DA PESQUISA.....	77
3.4	PROCURANDO SENTIDOS: ENTRE LINHAS E NARRATIVAS.....	80
4	A RELAÇÃO ENTRE O FAZER ARTÍSTICO E A ESCOLARIZAÇÃO NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	84
4.1	A EDUCAÇÃO FEMININA E OS TRABALHOS MANUAIS.....	84
4.1.1	Trabalhos manuais como preparação para a vida feminina.....	87
4.1.2	Escolarização privilegiando classe social.....	91
4.2	APRENDIZAGEM DOS TRABALHOS MANUAIS.....	93
4.2.1	Rigor, primor na feitura de várias técnicas.....	96
4.2.2	Exposição final.....	98
4.3	A PARTICIPAÇÃO SÓCIO ECONÔMICA DAS MULHERES.....	100
4.3.1	Reflexão sobre papel social.....	100
4.3.2	Relações econômicas permeadas de afetividades.....	103
4.4	PRODUZINDO SENTIDOS, AS LINHAS COMO RAZÃO DE VIVER.....	106
5	ARREIMATE PERFEITO, FINALIZANDO HISTÓRIAS	110
	REFERÊNCIAS	113

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, **Entre linhas e narrativas: mulheres que tecem memórias, do Colégio Stella Maris para a vida**, busca trazer à reflexão a relação entre o fazer artístico feminino com os processos de escolarização das décadas de 1950 e 1960, com foco em quatro artesãs ex-alunas do Colégio Stella Maris da cidade de Triunfo/PE. O interesse pela pesquisa surgiu a partir do levantamento de dados e entrevistas realizadas na cidade para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais/Licenciatura – UFPE, em 2015, intitulado, *Triunfo e o artesanato: tradição, cultura e identidade*, que abordou a questão da tradição do artesanato em Triunfo e suas repercussões contemporâneas. Pesquisa essa motivada pelo reencontro com a cidade e suas tradições.

Durante esse processo, encontrei mulheres que tecem, fazendo das linhas suas estéticas, que afirmaram ter aprendido suas técnicas na escola, nas aulas da disciplina de Trabalhos Manuais. Provocando em mim o desejo de conhecer como se deu esse aprendizado, e que sentidos o fazer artístico traz para suas vidas e como elas percebem sua participação na sociedade.

Esta pesquisa tem como objetivo, conhecer quais os sentidos que as mulheres artesãs da cidade de Triunfo/PE construíram sobre o fazer artístico feminino relacionado aos seus processos de escolarização. Bem como: analisar a educação feminina em Triunfo nos meados do século XX, com foco na disciplina de Trabalhos Manuais do Colégio Stella Maris; conhecer como se deu o aprendizado dos trabalhos com linhas e como tais artesãs percebem sua participação no desenvolvimento sócio econômico da cidade.

A construção desta pesquisa pressupõe: levantamento bibliográfico, documental e de publicações disponíveis sobre as temáticas discutidas; realização de entrevistas com as artesãs, focando em suas narrativas de vida, com gravações em áudio; anotações em diário de campo; observações e registros imagéticos.

A referida pesquisa é qualitativa tendo como metodologia empregada narrativas de vida na qual se analisa as particularidades do objeto e relatos de vida e experiências pessoais. Os dados são tomados a partir de narrativas, entrevistas, diários e observações. Esse tipo de pesquisa busca compreender as vivências e experiências da pessoa. Segundo Clandinin e Connelly, “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar

histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18). Afirmam ainda que, cabe ao pesquisador, interpretar os relatos, a fim de criar um novo texto.

Para tanto, selecionei quatro ex-alunas do Colégio Stella Maris. A escolha dessas mulheres se deu ao perceber, em suas lembranças, referências diretas ao período de escolarização, especificamente durante as aulas de Trabalhos Manuais. Experiências que afloraram a percepção estética nas ações de suas práticas cotidianas

Antônia Paiva, Joselita Vasconcelos, Natercia Gomes e Socorro Morais.

Contei ainda com a importante contribuição de outras três mulheres, também ex-alunas do Stella Maris, que me ajudaram na construção textual deste trabalho com informações sobre a história da cidade, a história do colégio e da chegada das freiras alemãs e sobre as aulas de Trabalhos Manuais.

Diana Rodrigues Lopes, Irmã Clarice Oliveira e Delvanira.

Para garantir originalidade e pertencimento, os nomes das mulheres aqui apresentadas são reais. Todas que participaram da pesquisa, concederam autorização prévia do uso de seus nomes, falas (gravadas em áudio) e imagens.

A fim de situar no tempo e no espaço, faço uma breve contextualização histórica sobre a cidade de Triunfo, a educação feminina da época pesquisada, sobre o Colégio Stella Maris e a disciplina de Trabalhos Manuais.

Triunfo é uma cidade localizada no Sertão do Pajeú. Tem hoje como uma das principais atividades econômicas, o turismo, que se desenvolveu ao longo dos anos devido ao clima frio, nascentes de água, arquitetura neoclássica, a Festa do Estudante, o Carnaval dos Caretas, o Festival de Cinema, as iguarias típicas como a rapadura dos engenhos de açúcar da região, os doces, os biscoitos, os licores e o artesanato.

O artesanato de Triunfo contou também, com a contribuição de religiosos que fundaram na cidade conventos, escolas e centros sociais, instituições que estimularam o ensino, a produção e a comercialização do artesanato na cidade. Merecendo destaque nessa pesquisa o Colégio Stella Maris, fundado no ano de 1939 por freiras alemãs Franciscanas de Maristellas. Inicialmente voltado ao ensino feminino, tinha em seu currículo a disciplina de Trabalhos Manuais, que integrava a base curricular brasileira da época.

Para o embasamento teórico da pesquisa busco aprofundamento nas temáticas sobre educação feminina (LOURO, 1997; 2002), disciplina de Trabalhos Manuais (LOURO, 2002; SCHWARTZMAN, 2000; NICARETA, 2009), e memória (HALBWACHS, 2003; BOSI, 1994).

Na intenção de traçar um perfil histórico da cidade, apresento com Diana Rodrigues Lopes (LOPES, 2003), através do livro de sua autoria, “Triunpho a Corte do Sertão”, os dados que contribuíram na reconstrução da história da cidade desde sua origem até os dias atuais. Diana é historiadora, ex-aluna do Stella Maris.

Da mesma forma, convidei outra ex-aluna para recontar a história da fundação do colégio, a Irmã Clarice, coautora do livro: “70 anos da irradiação da Estrela no Brasil”, organizado pelas irmãs Franciscanas de Triunfo (BATISTA B.; PEREIRA A. M.; OLIVEIRA C. A.; WENER. H., 2008). O livro conta a história da fundação da Congregação das Franciscanas de Maristella, de Augsburg, Alemanha e a chegada das Irmãs nas cidades de Timbaúba, Limoeiro e Triunfo.

Com as contribuições de Diana e Irmã Clarice, priorizei as vozes femininas de Triunfo na contextualização histórica da cidade e do colégio, fundamentais na construção deste trabalho, conferindo um sentimento de pertencimento.

A fim de embasar a discussão sobre a educação feminina no Brasil, busco em Louro (2002 e 1997), Nicareta (2009), e Schwartzman (2000) um suporte referencial. Nesses autores encontro elementos históricos e sociais da participação da mulher na escola no Brasil, do século XIX ao século XX e sobre a disciplina de Trabalhos Manuais.

Com Araújo (2009), dialogo a respeito da tradição como algo que se renova, uma vez que as artesãs ao longo dos anos foram acrescentando características pessoais nas suas produções, atribuindo a elas um caráter próprio, modificando o que haviam aprendido na escola.

Como um dos principais instrumentos de coleta de dados da presente pesquisa, são os relatos e memórias das artesãs, percebi a importância de trazer Halbwachs (2003) que trata sobre a “memória coletiva”. Para ele as lembranças são coletivas, pois nunca estamos sós. Ainda sobre memória, Bosi (1994) discorre sobre a construção da história incluindo a ela elementos produzidos a partir das memórias.

No processo de construção do trabalho, quanto aos procedimentos metodológicos, busco como suporte os autores Clandinin e Connelly (2011), sobre a

pesquisa narrativa, uma vez que o foco da minha investigação são os relatos de vida das artesãs.

Com Bachelard (1989) pretendo imergir no universo da pesquisa desvelando os sentidos da casa, do retorno, do reencontro com minhas memórias.

Construo, como ponto de partida, um referencial teórico de suporte com os autores apresentados, dentre outros. Integrando ainda como fonte de pesquisa: documentos, leis e pareceres. Além de registros de relatos pessoais de vida.

Como metodologia empregada na construção textual, trago os processos metodológicos, os procedimentos e instrumentos inseridos no corpo do trabalho. Optei por esse formato porque percebi que a pesquisa é também o próprio ato de pesquisar. Cada etapa, cada passo, cada caminho percorrido para mim foi um desafio, foi importante, foi significativo, foi uma imersão.

Desse modo, construo este trabalho dividindo os conteúdos nas seguintes temáticas:

Nó invisível, onde tudo começa, reconto uma breve história da cidade, e através de minhas memórias afetivas apresento o que me motivou a mergulhar nessa pesquisa, e os objetos de estudo, apresentando “as mulheres que tecem memórias, do Colégio Stella Maris para a vida”;

Do risco ao ponto, desenhando a estrela no sertão, apresento a fundação do Colégio Stella Maris pelas mãos das Irmãs Franciscanas de Maristellas, os procedimentos metodológicos, a reflexão sobre a pesquisa, as feitura com linhas e os processos narrativos;

A relação entre o fazer artístico e a escolarização das décadas de 1950 e 1960, trago o diálogo com as mulheres que tecem, sobre o fazer artístico e os processos de escolarização. Reflexões sobre a educação feminina, os trabalhos manuais e a participação na sociedade, bem como os sentidos do fazer artístico para a vida.

Entre as leituras realizadas destaco algumas pesquisas que contribuíram para a minha reflexão acerca dos temas abordados. São textos que dialogam com minha pesquisa e que me ajudaram a perceber a relevância de estudar sobre a questão do fazer artístico feminino e a representação da mulher no universo da arte e da sociedade. Verifico em Ivone Richter (2003) o fazer especial na estética do cotidiano e a forma da estrutura de sua escrita textual. Constato com Marize Malta (2015), a historicidade dos paninhos decorativos presentes em diversas casas brasileiras,

desde o século XIX. Com Luciana Borre, Luana Andrade e Maria Betânia e Silva (2017), “Bordando - muitos - nós e pontos isolados: investimentos afetivos para/na escuta do outro”, percebi a riqueza da pesquisa narrativa focada nos relatos de vida, e da relação afetiva com o fazer feminino com as linhas.

Da mesma forma que esta pesquisa abriu meus horizontes, acredito que possa contribuir para o campo das Artes Visuais, por abordar questões sobre o fazer artístico feminino que ainda é tão vivo em diversos lares. Fazeres repletos de afetos, memórias e histórias de vida. Carregados de referências culturais e identidades, atravessando gerações, se renovando e se mantendo vivos nas práticas cotidianas de mulheres de diversas idades.

Espero que esse estudo possa contribuir com outros pesquisadores que desejem tecer no universo do fazer feminino e das feitura com linhas.

2 NÓ INVISÍVEL, ONDE TUDO COMEÇA

Lá das bandas do Sertão vou contar uma história de linhas, pontos e nós. O fio dessa meada veio de longe, “seguindo a estrela” e se desenrolou pelas ladeiras da cidade de Triunfo, entrelaçando lares, conventos e escolas. Numa ponta do fio, as Irmãs alemãs. Na outra ponta, as meninas de Triunfo. Juntas teceram identidades e sentidos com suas linhas.

2.1 “TRIUNFO, AQUI NÃO SE MORA, SE VIVE!”

Figura 1 - A cidade vista do Mirante do Alto da Boa Vista, Cristo Redentor



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Triunfo é uma cidade aconchegante, hospitaleira, respira cultura e possuidora de belezas naturais. Tem em seu legado histórias de lutas vitoriosas. Foi justamente por essas qualidades que meu pai, filho de Triunfo no sangue, no coração e na alma, não cansava de repetir a frase criada por ele: “Triunfo, aqui não se mora, se vive!”

A cidade de Triunfo, em Pernambuco, localiza-se no sertão do Pajeú a 402 Km de Recife. Segundo dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a sede municipal está a 1004 m de altitude em relação ao nível do mar. Possui uma área territorial de 181,4 Km², tendo seus limites com o Estado da Paraíba e os municípios de Flores, Santa Cruz da Baixa Verde e Calumbi, (IBGE, 2017,a). De

acordo com o Censo 2010, conta com uma população de 15.006 pessoas. Com estimativa de 15.265 pessoas em 2018, (IBGE, 2017b).

Devido a sua altitude, a cidade apresenta um clima frio, rica vegetação e nascentes de água e cachoeiras, conferindo à cidade o título de “Oásis do Sertão”. Triunfo faz parte do Circuito do Frio de Pernambuco com atrativos do turismo ecológico, com trilhas e o mirante no Pico do Papagaio, o segundo ponto mais alto do estado de Pernambuco com altitude de 1185m localizado na Serra da Baixa Verde (IBGE, 2017a).

Juntamente com Serra Talhada, Santa Cruz da Baixa Verde e São José do Belmonte forma a Rota do Cangaço e Lampião, um patrimônio cultural de Pernambuco¹. Contam alguns cidadãos de Triunfo que Lampião, por amor e respeito a cidade nunca ordenou ataques em seus limites.

A cidade cresceu em volta do Lago João Barbosa Sitônio, com seu belo casario neoclássico tendo como principal cartão postal o Cine Theatro Guarany, fundado em 1922, que repousa imponente às margens do lago.

Figura 2 - Cine Theatro Guarany



Fonte: Veruschka Greenhalgh

¹ NA ROTA DO CANGAÇO: *Região por onde surgiu o mito de Lampião mantém viva a história da época, com riqueza de detalhes.* Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/rotaspe/cangaco-e-lampiao/>

Lago esse, que ao longo dos anos reúne a população a sua volta nos encontros cotidianos, na visita dos turistas, nas festividades, nos passeios de pedalinho, no teleférico, nas caminhadas em seu entorno...

Figura 3 - Lago João Barbosa Sitônio



Fonte: Veruschka Greenhalgh

A história de Triunfo tem forte influência religiosa em sua formação. De acordo com Lopes (2003) os Índios Cariri foram os primeiros habitantes da Serra da Baixa Verde. Em fins do século XVIII, chegou à região o missionário capuchino frei Vidal de Frescolero, se fixou no Sítio Baixa Verde e aldeou os índios que com ele vieram. Em novembro de 1803 assumiu o lugar do missionário, o frei Ângelo Maurício Niza, que tratou de legalizar a posse do terreno dos índios junto ao governador-geral da Capitania, Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Em 08 de outubro de 1812, os marcos foram fincados nos lugares denominados Aquiraz, Jaleco, Água Branca e Jardim. O aldeamento foi se transformando em um núcleo de população. Como a região apresentava boas condições do solo e nascentes de água, atraiu diversos habitantes que contribuíram para a formação da cidade.

Segundo Lopes (2003), o nome Triunfo originou-se de uma luta entre a família Campos Velhos da cidade de Flores e os habitantes da Baixa Verde que brigavam pelo controle do progresso da região. Diante desse fato, os habitantes da Baixa Verde

lutaram pela independência em relação aos Campos Velhos. E em 02 de junho de 1870, se criou a freguesia da Nossa Senhora das Dores, hoje padroeira da cidade, que elevou a povoação da Baixa Verde à categoria de Vila, com o nome de Triunfo.

Em 13 de junho de 1884 foi criada a comarca de Triunfo e com isso a vila da Baixa Verde foi elevada à categoria de cidade.

Dentre as principais benfeitorias realizadas pelos religiosos estão as instalações de conventos, seminários e escolas que contribuíram fortemente para o desenvolvimento da cidade. Nestas instituições também foram desenvolvidas atividades de produção de artesanato e trabalhos manuais, bem como a comercialização da produção.

Hoje, Triunfo é uma cidade que tem seu conjunto arquitetônico, em grande parte, preservado. Na década de 1980 a cidade iniciou um processo de tombamento de diversos prédios e igrejas, tendo como um dos principais, o prédio do Cine Theatro Guarany. Em 1988, o teatro foi comprado pela Fundarpe, tombado pelo Patrimônio Estadual e posteriormente restaurado. Já o casario é protegido por Lei Municipal.

Figura 4 - Casario em frente a Praça Monsenhor Eliseu Diniz



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Triunfo é palco de diversos eventos festivos e culturais, como a Festa do Estudante desde de 1942, o Festival de Cinema e mais recentemente o Animage - 9º Festival Internacional de Animação de Pernambuco, com mostras especiais em Triunfo, Caruaru e Belo Jardim. Isso sem falar no famoso Carnaval dos Caretas, um espetáculo à parte que encanta moradores e visitantes, descendo as ladeiras estalando seus chicotes e desenvolvendo suas performances.

É uma cidade que tem se fortalecido por conta do turismo e de investimentos em cultura tanto pela iniciativa privada à exemplo do SESC - Serviço Social do Comércio, quanto pública pela Prefeitura Municipal através da Secretaria de Turismo, Cultura e Desporte - SETUR. Além de artistas e músicos locais organizados ou não em associações como é o caso do Centro Criativo de Cultura Padre Ibiapina que incorporou diversos artesãos(ãs) e artistas das diversas linguagens, em defesa, manutenção, e divulgação da arte e da cultura da cidade e região.

Triunfo de múltiplas cores, formas, cheiros e sabores materializados em seu artesanato, em sua arquitetura, na rapadura dos engenhos de açúcar, nos licores, na cachaça, nos doces, no café orgânico, nos biscoitos...

2.2 ONDE MORAM AS MEMÓRIAS

Onde moram as memórias, para que eu possa revisitá-las?

Sim, revisitá-las, revivê-las! Reativar as lembranças é “apertar o botãozinho, RETORNE da nossa máquina do tempo” e voltar ao passado, para buscar as experiências vividas lá trás e transformá-las em novas experiências no presente.

Sim, novas! Pois, a cada instante que revivemos uma experiência passada, ela nos chega carregada com as nossas referências atuais. Transforma-se, renova-se, e assim, construímos um novo olhar sobre ela.

E foi exatamente isso que aconteceu comigo em janeiro de 2013, ao visitar a cidade de Triunfo. Cidade que em minha infância, fazia parte do meu roteiro de férias e viagens com a família. Mas, essa é uma outra história cheia de lembranças, delícias e aventuras. Tenho minhas raízes fincadas em Triunfo, terra de meus ancestrais, fundadores da cidade juntamente com outras famílias.

Voltando ao ano de 2013, em Triunfo, onde tudo começou... Aliás, quando minhas memórias foram ativadas, e as lembranças avivadas. Reencontro, lugares, pessoas, caminhos, cores, cheiros e sabores.

Triunfo é o meu canto no mundo, meu universo, o lugar de muitas lembranças e abrigos, como diz Bachelard, “pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, nosso primeiro universo” (BACHELARD, 1989, p. 25). A minha relação com a cidade é de acolhimento, me sinto em casa! Na infância, brincava na rua, com os bichos nos sítios, nos jardins de rosas do convento. E ao retornar à cidade depois de tantos anos, na casa de meu pai, me sentia de volta ao aconchego do lar.

Figura 5 - Eu, a pesquisadora, na Rua Padre Ibiapina



Fonte: Roderise Melo

Reencontro comigo mesma, comigo criança. Comigo curiosa, traquina, amante da natureza, dos bichos e das artes. Para mim as linhas coloridas dos bordados, das rendas, do crochê, do tricô e das tapeçarias, que via na lojinha da pousada ou nas casas das senhorinhas da cidade, eram arte. Não sabia, naquela época quem as

faziam, apenas admirava a diversidade de cores e formas daquelas “linhas maravilhosas”. Por muitas vezes, com as mãozinhas sujas de terra, das andanças pelos jardins do Lar Santa Elizabeth, ensaiava tocá-las.

O Lar Santa Elizabeth, é uma das pousadas mais antigas da cidade e lá havia uma loja onde era vendido o famoso licor de rosas, os biscoitos Nicolau, objetos religiosos e uma variedade de bordados, peças em tricô, crochê e tapeçaria.

Voltando ao reencontro com a cidade... Espera! Por que estou eu retornando a Triunfo em 2013?

Pois bem, tudo começou pelo meu pai, que nos últimos anos de vida, resolveu voltar para a cidade de suas raízes, com sua esposa. Cidade de seus avós, bisavós, tataravós... Meu pai, sentia por Triunfo um imenso amor, cidade onde morou em vários momentos, e que agora seria para sempre. Sim, para sempre! Pois, lá faleceu e permaneceu ao lado de seus parentes ali sepultados.

“Em Triunfo não se mora, se vive!”. Palavras dele, repetidas inúmeras vezes e vividas com toda plenitude. Lugar que escolheu para viver seus últimos anos. Arrumou sua mudança e resolveu deixar a vida tumultuada de Recife e retornar para a cidade que sempre o acolheu. Eu e meus irmãos o acompanhamos nessa jornada. Foram momentos de extrema alegria, ele estava feliz e radiante. E todos contagiados por tanta felicidade.

E então, saímos todos, rumo à cidade, curtindo cada momento da viagem, cada parada. Fomos apenas levá-los, mas o nosso coração ficou lá com ele. Então voltei, voltei, e voltei tantas vezes que nem contei quantas foram.

Nesse retorno à cidade me deparei com inúmeras lojas de artesanato. Percebi nelas uma variedade de produtos e souvenir para o turista levar como lembrança da cidade, esses artigos mais se aproximavam de uma produção industrial. Isso me inquietou, precisava refletir a respeito da produção artística da região.

Parti então para uma pesquisa, que me levou a conhecer alguns dos principais artesãos da cidade e suas produções. Fiz um mapeamento dos pontos de produção e comercialização do artesanato e dos processos de ensino/aprendizagem das técnicas. Reencontrei pessoas e conheci cidadãos triunfenses, como D. Hilda, Socorro, Herculano, Teco de Agamenon, Fátima Barros, Chico Santeiro que contribuíram para a elaboração da pesquisa que resultou no meu Trabalho de Conclusão de Curso, que foi sobre o artesanato de Triunfo, refletindo sobre as questões de tradição, cultura e identidade. Conte também com a contribuição dos

profissionais da Fábrica de Criação Popular do SESC de Triunfo. Responsável por promover ações culturais na cidade dando visibilidade aos artistas locais e o intercâmbio com os de outras regiões, além de oferecer cursos e oficinas de arte para a população.

A partir da pesquisa inicial sobre o artesanato de Triunfo, encontrei pessoas e descobri histórias que me levariam a uma nova investigação, uma nova reflexão, para meu projeto de pesquisa do Mestrado. Fiquei instigada ao levantar as narrativas das mulheres que encontrei pelo caminho, mulheres que fizeram de seu “fazer feminino”, Richter (2003) um sentido para a vida, contribuindo para o sustento da família e para o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade. Mulheres que tinham em comum, como fonte original de suas feitura com linhas: as aulas de Trabalhos Manuais do Colégio Stella Maris. Chamou-me a atenção a relação do fazer artístico com os processos de escolarização e como elas tinham em mente a importância da vivência escolar para suas vidas.

2.3 DO OLHAR CURIOSO À PESQUISA

Do olhar curioso à pesquisa, foi esse olhar que me impulsionou a sair em busca de verdades. Mas que verdades? As idealizadas, as desejadas, as esperadas, as reais, as indesejadas, as não verdades? Será que precisava mesmo buscá-las? Existe uma verdade absoluta que deva ser alcançada?

De acordo com Morin, “a ciência não é somente uma acumulação de verdades verdadeiras. [...] é um campo sempre aberto onde se combatem não só as teorias, mas também os princípios da explicação, isto é, também as visões de mundo e os postulados metafísicos”. (MORIN, 1994. p. 20)

Tantos questionamentos surgiram a partir de então, mas o problema maior era como sistematizar, como organizar as ideias. O desejo de desvendar o que me inquietava era grande, precisava apenas tecer um fio condutor, alinhar os pensamentos e costurá-los com as memórias, como uma colcha de retalhos, unindo cada pedacinho encontrado. A fim de construir uma narrativa segurei forte a linha que me conduziria, e com uma agulha norteadora fui entrelaçando cada ponto: a elaboração das temáticas, o levantamento bibliográfico, os encontros, as visitas, as entrevistas, as conversas informais e o registro de imagens.

Fiz anotações em diário de campo, “[...] o diário é uma espécie de oásis reflexivo” (ZABALZA, 2004, p. 136), um forte aliado no processo de elaboração e construção da pesquisa.

Procurei vestígios de antigas professoras da disciplina, infelizmente não existe mais nenhuma na cidade. Algumas já falecidas e outras vivem na casa de repouso das Maristellas em Aldeia/PE. Mas, suas histórias ficaram guardadas nas lembranças de suas alunas e registradas em suas narrativas, nas entrevistas gravadas em áudio.

Procurei a produção da época entre as ex-alunas, como os álbuns que cada uma fazia como lição e mostruário das atividades e dos pontos de bordados ensinados. Procurei também fotografias dos tempos do colégio e das exposições dos trabalhos manuais.

A pesquisa aconteceu em etapas que em alguns momentos ocorreram simultaneamente. A fim de demarcar cada passo, aponto os caminhos percorridos, que horas convergiram e se fundiram e horas se distanciaram: o pensamento questionador; a busca pelas temáticas abordadas; a contextualização histórica e social da cidade e da instituição escolar investigada; busca documental; registros imagéticos; visitas, encontros, entrevistas e análises dos discursos.

Na escrita textual, me coloquei como pesquisadora quando investiguei os fatos, coletei informações, busquei evidências, e desvendei segredos. E me coloquei como participante quando me projetei dentro da pesquisa narrando os passos seguidos e quando reconstruí minhas memórias de infância sobre o espaço pesquisado. Dispus de forma ilustrativa as imagens capturadas a fim de representar imagetivamente os elementos da pesquisa, sem necessariamente construir uma narrativa visual.

2.4 DOS ENCONTROS ÀS ENTREVISTAS

De tantas idas a Triunfos encontrei e reencontrei mulheres que fazem das linhas sua estética cotidiana, sejam elas no bordado, no crochê ou no tricô. O encantamento pelas suas feitura, suscitou o desejo de conhecer suas histórias e a relação com o fazer artístico. Percebi a forte ligação delas com o período escolar nas atividades das aulas de Trabalhos Manuais do Colégio Stella Maris. Portanto, selecionei a princípio três ex-alunas do colégio para realizar as minhas buscas. Posteriormente, incluí mais uma, somando quatro mulheres entrevistadas com o foco do estudo.

A medida que fui avançando nas pesquisas novos encontros foram surgindo, e desencontros também.

Outras mulheres fui agregando às investigações. Algumas são artesãs, outras não, tem até as que já foram em algum momento de suas vidas. Mas, a maioria delas, ainda produz, seja profissionalmente, seja na intimidade do lar nas suas práticas cotidianas. Mulheres que me ajudaram a construir este trabalho com contribuições na esfera da contextualização histórica, como é o caso de Diana Rodrigues que conta a história de Triunfo. E de Irmã Clarice que conta a história do Colégio Stella Maris. Conteí ainda com a contribuição de Delvanira, assistente da Irmã Gamalberta, professora de Trabalhos Manuais.

Criativas e apaixonadas pelo que fazem, me concederam alguns minutos de conversas descontraídas e repletas de afetividades. Apresento agora as minhas aliadas na construção desse trabalho: **Antônia Paiva, Joselita Vasconcelos, Natércia Gomes e Socorro Moraes**, com suas linhas e pontos, memórias e contos. Me ajudaram a narrar esta história que reconto.

A fim de garantir originalidade e pertencimento, os nomes das mulheres aqui apresentadas são reais. Todas que participaram diretamente ou indiretamente da pesquisa, concederam autorização prévia do uso de seus nomes e imagens. Sentiram-se orgulhosas, pois, reconhecem a importância de suas atividades para a preservação do patrimônio cultural da cidade. E dispostas compartilharam suas narrativas de vida.

“A arte de narrar é uma relação alma, olho, e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.” (BOSI, 1994, p. 90)

Antônia Paiva, 72 anos de idade, foi aluna por sete anos, no período de 1960 a 1967. Professora aposentada com formação em Licenciatura Plena em Letras. Reside em Santa Cruz da Baixa Verde, antigo distrito de Triunfo, desmembrado pela lei estadual nº 10620, de 01 de outubro de 1991 (IBGE, 2017a).

É proprietária de uma padaria no centro da cidade onde ainda trabalha com os filhos, participando efetivamente na administração e nos cuidados dos preparos da parte de confeitaria e pastelaria.

Figura 6 - Antônia Paiva



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Nosso encontro aconteceu na padaria mesmo, estava tranquilo e com pouco movimento de público no momento. Sentamos em uma das mesinhas da parte da lanchonete e iniciamos a entrevista. A medida que as respostas de Antônia foram sendo dadas novas perguntas foram surgindo o que conferiu a entrevista um caráter descontraído e dialógico.

Relembrou das aulas de Trabalhos Manuais, onde aprendeu o crochê, o bordado, a casear e vários outros trabalhos. Atualmente não produz mais profissionalmente seus crochês e bordados, dedica-se à produção de bolos e salgados para a padaria, atividade que passou a desenvolver desde o ano de 1998.

Porém, não parou de fazer de suas linhas seu fazer cotidiano. Reservando, ao lado do sofá de sua casa uma sacolinha com linhas e agulhas, local onde se senta e dedica-se ao crochê enquanto descansa do dia exaustivo na padaria.

Ao longo de sua vida dedicou-se a aprender. Para Antônia, “*o aprender é um ato que nunca se acaba*”. Afirma que gosta de desafios e está sempre pesquisando

novidades na internet, que para ela é uma *“ferramenta espetacular”*. Pois busca nas novidades um diferencial no seu trabalho, tanto na sua atividade com as linhas quanto na padaria, inovando nos sabores de bolos, salgados e biscoitos. Na perspectiva de trazer o novo, sem que para isso se despreze o antigo, Canclini (1982, p. 65) afirma, *“as exigências de renovar vez por outra a demanda não permitem que a produção se estanque na repetição monótona de objetos uniformizados”*.

Como um dos tantos desafios que busca, irá lançar ainda esse ano um livro de sua autoria, *“Triunfo Teu Nome é Recordação (Recordando os anos 60 em Triunfo)”*. Ela afirma que escolheu esse período porque: *“os anos 60 marcaram a vida de muita gente, foi a época da independência da mulher, a época do lêiêiê, da Bossa nova, das festas de clube maravilhosa, né isso?...Da Festa do Estudante”*. (Antônia)

O Livro é composto por 50 poesias, é um livro de memórias: *“olhe, assim, eu sempre digo no livro, que as minhas memórias são as memórias de todos aqueles que viveram a década de 60 em Triunfo, porque o que eu vivi, muita gente viveu, né?!”* (Antônia)

Essa fala representa bem o que Halbwachs (2003) defende sobre a memória coletiva, que é constituída por várias outras memórias:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2003, p. 26)

Joselita Vasconcelos, 82 anos de idade, professora aposentada, estudou no Stella Maris durante 14 anos, entre 1943 a 1957. Não a conhecia, fomos apresentadas recentemente por outra ex-aluna, Diana. Explicou-lhe sobre minha pesquisa e pediu para que ela me ajudasse no que fosse preciso. D. Joselita aceitou de pronto e iniciamos a entrevista que foi bem proveitosa, de modo que não pude deixar de incluí-la na pesquisa, somando finalmente quatro ex-alunas.

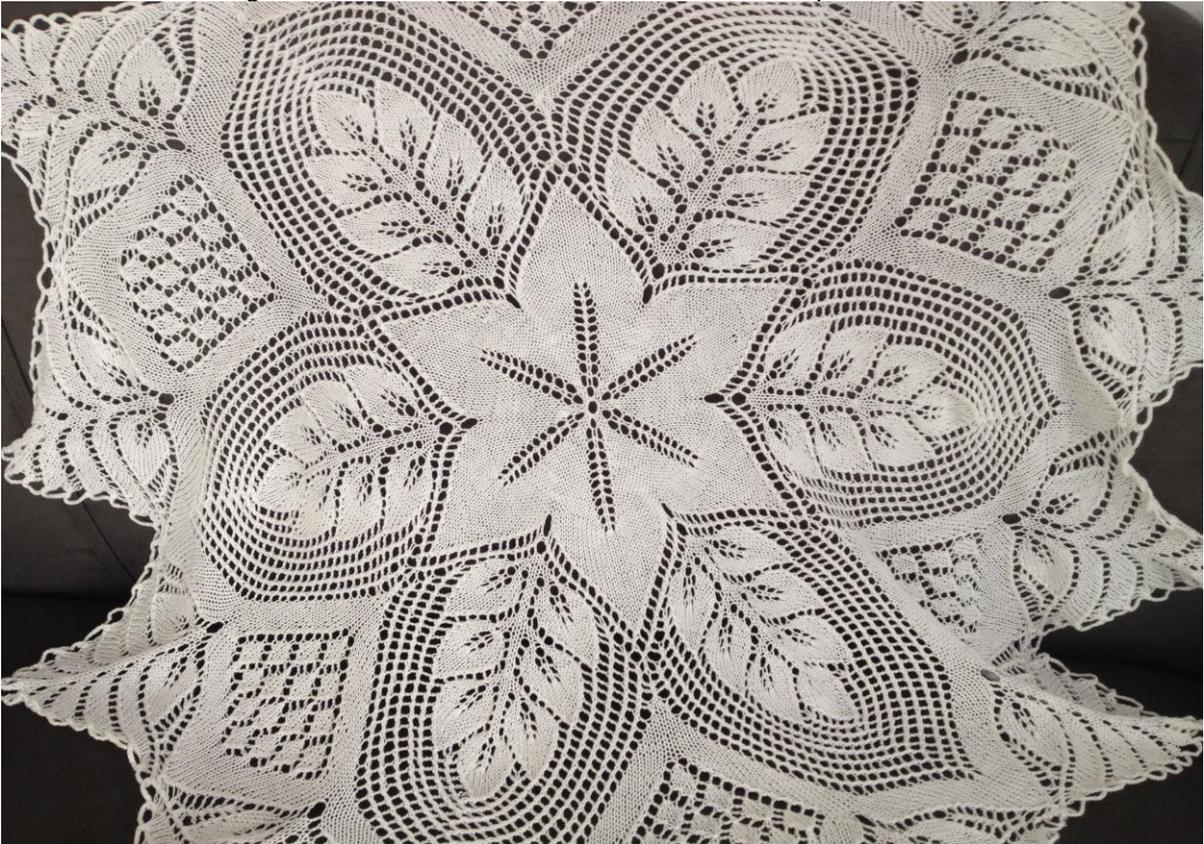
Figura 7 - Joselita Vasconcelos



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Nosso primeiro contato ocorreu pela manhã, ela pegou algumas toalhas produzidas na época do colégio, conversou e contou suas lembranças. Joselita me apresentou um trabalho belíssimo de tricô artístico, uma técnica delicada e bem elaborada com pontos feitos com agulhas especiais, redondas. Explicou-me todo o processo da feitura. Permitiu fotografar as suas toalhas espalhando cada uma para que ficasse bem à mostra. Pedindo inclusive para fotografar os detalhes. Ela se sente muito orgulhosa do seu trabalho, realmente é bem rico. Mas quando pedi para tirar uma foto sua, se recusou alegando não estar bonita o suficiente, tinha que se arrumar para ficar bem na foto. Então marcou nova visita para o final da tarde.

Figura 8 - Toalha de centro em tricô artístico feito por D. Joselita



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 9 - Toalha de mesa em tricô artístico feito por D. Joselita



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 10 - Detalhe dos pontos do tricô artístico da toalha de mesa



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 11 - Detalhe aproximado dos pontos do tricô artístico da toalha de mesa



Fonte: Veruschka Greenhalgh

É possível perceber nas imagens anteriores a organicidade das formas entrelaçadas e a simetria dos pontos e dos elementos desenhados. Na figura 8, o desenho da toalha remete a uma mandala, pois é composta por figuras concêntricas, formando um círculo com padrões que se repetem em torno do centro. Na figura 9, o centro da toalha se assemelha a braços espirais, como uma galáxia. Passa a ideia de algo que vai se abrindo e mostrando os outros elementos que a compõe. Entre esses elementos, um octógono de forma estrelada, seguido por imagens que lembram folhas e penas de pavão, todas distribuídas simetricamente em torno do centro.

As toalhas de Joselita são tratadas por ela como um rico tesouro. Guardadas cuidadosamente bem lavadas e embaladas separadamente, preservando assim a sua integridade.

Por volta das 16 horas, retornei à sua residência, como havíamos marcado. Ela me recebeu muito bem e estava linda, toda arrumada, maquiada e animada. E para minha surpresa com muitos outros trabalhos, fotografias da época da escola, suas agulhas especiais dadas ainda pela Irmã Gamalberta, uma relíquia guardada com muito cuidado.

Figura 12 - Jogo de agulhas circulares



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 13 - Agulhas circulares



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 14 - Revista alemã de modelos de pontos



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Em seus relatos pude perceber sua satisfação em ter estudado no Colégio Stella Maris. Mencionou que a escola foi muito importante para a cidade, e como modificou a vida de muitas pessoas.

Natércia Gomes, 73 anos de idade, foi aluna durante seis anos, entre 1958 a 1964. Professora aposentada e artesã, uma das pioneiras na comercialização do artesanato em Triunfo. Possui uma loja no centro desde meados da década de 1970, ainda produz e alimenta o estoque de sua loja juntamente com filhas e netas. Seu trabalho varia entre linhas (crochê, bordado e tricô) e papel machê, trazendo em evidência a figura dos Caretas, brincante mascarado que desce as ladeiras de Triunfo realizando performances com seu chicote, personagem da cultura popular e da identidade cultural da cidade. D. Natércia relatou sua trajetória como artesã e como se encantou pelo universo das linhas e como se tornou a primeira proprietária de loja de artesanato no centro da cidade.

Figura 15 - Natércia Gomes



Fonte: Veruschka Greenhalgh

A entrevista foi realizada em sua loja, que fica localizada ao lado do Lago João Barbosa Sitônio. Ponto bem localizado, passagem obrigatória para quem circula no entorno do lago. É pequena, mas bem organizada e diversificada. Dispõe de mercadorias produzidas por ela, pelos filhos e de outros artesãos por consignação. Tudo é exposto em prateleiras e em cabides. O ambiente é aconchegante, tem uma mesa (birô), onde ela senta para fazer seus trabalhos, e mais duas cadeiras para receber confortavelmente seus clientes e amigos. Simpática e comunicativa, sua loja é bem frequentada. Seu artesanato varia entre tricô (boinas e cachecóis), crochês (bolsinhas, roupas e paninhos), papel machê (chaveiros, máscaras dos Caretas, bonequinhos...), bordados (paninhos, bolsas e camisetas). Entre outros, artigos como caixinhas de madeira, quadrinhos e porcelanas.

Figura 16 - Bolsinha em crochê com broche de papel machê



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 17 - Bolsinhas de crochê e bordados com o tema dos Caretas



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 18 -Roupas em crochê e tricô



Fonte: Veruschka Greenhalgh

A visita transcorreu no período da manhã. No dia anterior fui à sua loja falar sobre a pesquisa e se ela me concederia uma entrevista. Concordou de imediato marcando a entrevista para o dia seguinte. Eu já a conhecia de outras viagens à cidade e visitas a sua loja, o que a deixou mais à vontade.

Cheguei na hora marcada e a encontrei envolta em seus bordados, sentada atrás de sua mesa. Estava terminando uma encomenda para o Sesc de Triunfo. Algumas de suas peças são comercializadas na lojinha do Hotel do Sesc (Centro de Turismo e Lazer - CTL). Informou-me que precisaria conversar comigo bordando, pois precisava cumprir com a encomenda. E assim aconteceu nossa conversa, entre memórias, pontos e linhas.

Socorro Morais, 77 anos de idade, foi aluna do Stella Maris por oito anos, entre 1952 a 1960. Professora aposentada e artesã, era conhecida na cidade e pelos turistas por produzir artesanalmente os famosos e tradicionais licores com o apoio do marido, Carlinhos. Atualmente não produz mais os licores, pois o seu companheiro de

tantas lutas partiu para um outro plano existencial, em março de 2016, o que a deixou desmotivada a dar continuidade na tradição dos licores. Mas, ainda produz o artesanato com linhas, como crochê, fuxico e bordado, dedicando-se todos os dias a tarefa de transformar suas linhas em arte, tem uma produção significativa de toalhas, colchas, paninhos e almofadas. Que adornam sua casa, como as casas das nossas memórias de infância, da casa da avó, bisavó... Paninhos que fazem parte de sua vida e sua história. De acordo com Malta (2015):

Singelas toalhas com rendinhas para enfeitar as mesas, toalhas de rosto em linho com as iniciais do nome bordadas ou intrincados pontos de crochê para modelarem relevos em almofadas são exemplos de peças que conviveram com várias gerações, deram suporte a sociabilidades, ampararam formas de comportamento, participaram na construção de identidades de gênero, auxiliaram a desenvolver um tipo de percepção visual, um gosto pelos detalhes e ornamentos. Estabeleceram uma forma de experiência com uma materialidade particular, própria do artefato têxtil, tão intimamente próximo ao corpo, ativando um sentido peculiarmente combinado em visual-tátil-olfativo (sim, alguns eram cheirosos) (MALTA, 2015, p.1, 2)

Figura 19 – Socorro Morais



Fonte: Veruschka Greenhalgh

A visita aconteceu em sua casa, no período da tarde. Recebeu-me com a simpatia e alegria de sempre. Sentamos e iniciamos a conversa. A sala da casa estava toda decorada com seus paninhos e almofadas confeccionados por ela mesma. Ao observar suas feiturinhas dispostas sobre os móveis, me recordei do texto de Malta (2015), que traz um estudo histórico sobre os artefatos têxteis decorativos no Brasil:

Não existia casa, da segunda metade do século XIX a princípios do XX, que não estivesse povoada de paninhos espalhados sobre poltronas, mesas e mesinhas, penteadeiras e lavatórios, vitrines e oratórios, criados-mudos e guarda-louças. Ornando uma superfície ou apoiando algum objeto, eles ofereciam um contraste delicado às superfícies escuras da madeira ou aos padrões estampados com cores vivas e variadas dos sofás e poltronas, e destacavam as peças que neles pousavam, demarcando sua individualidade. [...] A ideia de aconchego do lar oitocentista, em parte, é devedora dos têxteis domésticos. (MALTA, 2015, p. 6)

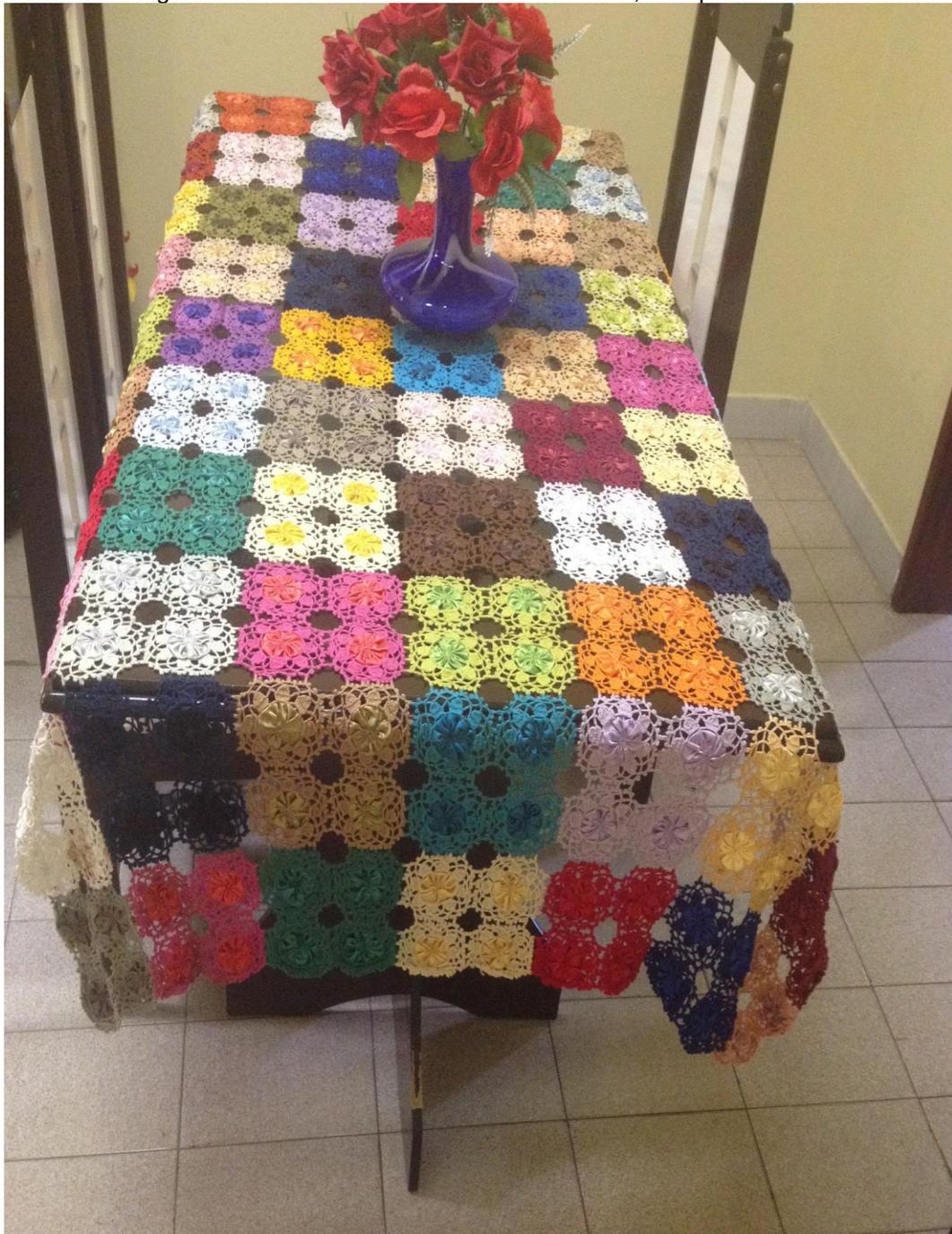
A casa vestida com seus “paninhos” atravessou os tempos e ainda resiste em muitas casas por aí, como a de Socorro. Ela tem por hábito de trocá-los de tempos em tempos, de modo que sua casa sempre esteja de “*roupas novas*” (Socorro). Sem dúvidas, a casa vestida transmite a sensação de aconchego e de afetos, sinto isso na casa de Socorro.

Figura 20 - Paninho de console bordado com bico em crochê, feito por Socorro



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 21 - Toalha de mesa de crochê e fuxico, feita por Socorro



Fonte: Veruschka Greenhalgh

A toalha é bem trabalhada com técnica mista de crochê e fuxico de cetim, ordenado em pequenas partes compostas por quatro fuxicos, onde se combina a cor da linha com a do cetim, depois costuradas lado a lado, alternando as cores. É um trabalho bem colorido e alegre. Um dos seus prediletos. Em cada toalha, em cada cantinho, sempre repousa um jarro com flores, dando um toque final em sua decoração.

Figura 22 - Toalhinha de centro em crochê feita por Socorro



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Ao chegar em sua casa a encontro, como já era de costume, com suas linhas, fazendo mais uma peça de crochê, que foi tomando forma ao longo da entrevista. Era um alegre forro de almofada em crochê nas cores azul e vermelho coral.

Figura 23 - Forro de almofada em crochê feito por socorro



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Seu fazer predileto é o crochê, que vez ou outra o combina com o fuxico em cetim. Sua produção é bem diversificada e com uma estética alegre e delicada. Oras utiliza uma explosão de cores postas harmoniosamente ou contrastantes, lado a lado, oras utiliza a sobriedade monocromática. Para ela a escolha das cores das linhas e dos tecidos, já faz parte do seu processo criativo, pois estuda cuidadosamente como vai combinar cada cor. Socorro define seu trabalho como um conjunto de formas e cores, quando combinadas formam um só elemento:

“Assim, cores que combinam, o tom sobre tom, e assim, de fuxico mesmo, tenho que ver o tom sobre tom, para não botar duas cores iguais, né? A gente tem que ver uma mais forte, uma mais clara, e vai alternando lá as cores, tanto no fuxico, quanto no crochê, e faço também croché de uma cor só, quando tem uma encomenda de uma cor só”. (Socorro Moraes)

Figura 24 - Centro de mesa em crochê com fuxico feito por Socorro



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 25 – Detalhe do centro de mesa em crochê com fuxico feito por Socorro



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 26 - Centro de mesa em fuxico feito por Socorro



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Nesse centro de mesa a escolha foi pelo uso apenas do fuxico em cetim, composto por diversas partes sextavadas, de cores diferentes, dispostas lado a lado formando, juntas, um losango.

Sobre os tempos de escola, Socorro traz entre sorrisos e recordações diversas passagens e fatos. Descreveu com detalhes como ocorriam as aulas, como era a sala, o que era ensinado, as atividades realizadas, as exposições de final de ano, onde eram apresentados para a sociedade triunfense os trabalhos das estudantes durante as aulas de Trabalhos Manuais, no decorrer do ano letivo.

Essas foram as quatro mulheres entrevistadas com o foco nos objetivos do estudo.

As que apresento a partir de agora, contribuíram na construção da contextualização do tempo e do espaço da pesquisa. **Diana Rodrigues** com a história da cidade, através das páginas de seu livro. Irmã **Clarice Oliveira**, recontou a chegada das irmãs alemãs na cidade e a fundação do Colégio Stella Maris, através de suas memórias e trechos de seu livro. **Delvanira** com as lembranças das aulas de trabalhos manuais quando era assistente da professora, a Irmã Gamalberta.

As três fizeram parte do Stella Maris e trazem na memória muitas histórias.

“Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente [...] O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte.” (BOSI, 1994, p. 89)

Diana Rodrigues Lopes, 76 anos de idade, foi aluna do Stella Maris por 12 anos, entre 1951 a 1964. Posteriormente foi professora na mesma instituição por seis anos e diretora de Escola de Aplicação Stella Maris. Professora formada no Pedagógico e em Estudos Sociais, Licenciatura Plena em Geografia e Pós-Graduação em Administração Escolar. Historiadora reconhecida na cidade desempenhando um importante papel cultural. Autora do livro “Triunfo, a Corte do Sertão” (2003), onde fez um registro histórico e social da cidade. Livro no qual baseio, como referência, a contextualização histórica da cidade na elaboração do texto deste trabalho. A sua voz parte exclusivamente das páginas de seu livro.

Organizadora do Memorial Stella Maris, responsável pela pesquisa, levantamento documental e imagético, sobre a história do colégio, contando com o apoio de ex-alunas(os) e cidadãs(os) de Triunfo. O espaço do memorial foi inaugurado por ocasião do 80º aniversário do Stella Maris. Devido às suas ações em defesa da memória e história da cidade, é guardiã de um rico acervo imagético e documental da cidade, entre eles os do colégio. Diana contribuiu bastante com informações sobre o colégio.

Figura 27 - Diana Rodrigues Lopes



Fonte: Acervo pessoal de Diana Rodrigues Lopes

Irmã **Clarice Oliveira**, idade não informada, foi aluna durante três anos, no período de 1954 a 1957 e lecionou por 13 anos na mesma instituição, no período entre 1967 a 1980. Formada em Licenciatura em Letras, foi professora de português e inglês do colégio.

Hoje é uma das freiras responsáveis pelo Lar Santa Elizabeth, pousada e obra social que atende crianças e adolescentes. Coautora do livro “70 anos da Irradiação da Estrela no Brasil”. Conta a história da formação da Congregação das Franciscanas de Maristella, na Alemanha e a viagem das irmãs franciscanas rumo ao Brasil, para as cidades de Timbaúba, Limoeiro e Triunfo, onde fundaram escolas, conventos entre outras instituições sociais. A sua voz se completa com as referências de seu livro.

Conhece muito bem a História da fundação do Colégio Stella Maris, e recontou em suas narrativas, contribuindo na construção deste trabalho. Irmã Clarice não é artesã, embora tenha realizado diversos trabalhos com linhas, entre eles bordados, crochê e tricô. Recorda com clareza das aulas de Trabalhos Manuais, e confessou não ter sido uma boa aluna da disciplina por não ter “habilidade” com linhas e agulhas.

Figura 28 - Irmã Clarice Oliveira



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Delvanira, 80 anos de idade. Foi assistente da Irmã Gamalberta nas aulas de Trabalhos Manuais por dez anos, no período entre 1958 a 1968. Não foi aluna do Colégio Stella Maris, foi aluna do convento que funcionava na mesma instituição. Fez admissão para freira neste mesmo período chegando inclusive a receber o hábito, mas decidiu não seguir adiante com esse objetivo.

Figura 29 - Delvanira



Fonte: Veruschka Greenhalgh

É costureira e bordadeira além de produzir crochê e tricô. Guarda ainda hoje seu álbum de bordados da época, para ela um tesouro, uma relíquia preservada com todo cuidado. Para mim, como pesquisadora, foi um achado precioso, aquele álbum de registro das aulas de Trabalhos Manuais em perfeito estado de conservação. De todas as minhas buscas, Delvanira foi a única que ainda tinha o seu.

Os álbuns eram como os portfólios que conhecemos atualmente. Organizados por ordem de trabalhos produzidos ao longo do ano. Cada ponto, cada motivo, cada técnica, eram cuidadosamente dispostos, nas páginas do álbum. Contendo o nome do ponto utilizado, além de informações que facilitassem a compreensão das técnicas aplicadas. Sempre bem decorados com desenhos ou pinturas, além da capa personalizada. Tudo feito com muito esmero e capricho, uma das exigências da professora.

De acordo com Delvanira, cada aluna deveria produzir seu próprio álbum, que contaria como pontuação na avaliação final da disciplina, juntamente com as peças têxteis produzidas, como os paninhos bordados, toalhinhas de mesa em crochê, tapeçarias, forro de almofadas, entre outros. Na capa deveria conter as informações que identificasse cada uma das alunas. Como podemos ver na figura 30, a letra D e o número 1, em destaque nas velas do barquinho. “D” de Delvanira e “1” a 1ª da turma com a letra D.

Figura 30 – Álbum de amostras de bordados de Delvanira



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Os álbuns também eram apresentados nas exposições de final de ano, e bastante apreciados pelos visitantes, tamanho capricho o qual eram produzidos. As

amostras ficavam expostas ao lado dos trabalhos têxteis, para que os visitantes pudessem conferir o progresso da aluna durante o ano letivo. Segundo Delvanira, a Irmã Gamalberta recomendava que as meninas sempre guardassem seus álbuns, pois os mesmos serviriam, como um livro de consulta caso precisassem.

As próximas imagens, da figura 31 a figura 39, são fotos das páginas do álbum das amostras de bordados de Delvanira. Nessas páginas é possível perceber a predominância do tema floral, padronização de formas geométricas, arabescos e grafismos. Exercícios de pontos, linhas, preenchimentos, motivos florais e técnicas de pontajour, apresentados em folhas ornadas, desenhadas e pintadas com lápis de cor.

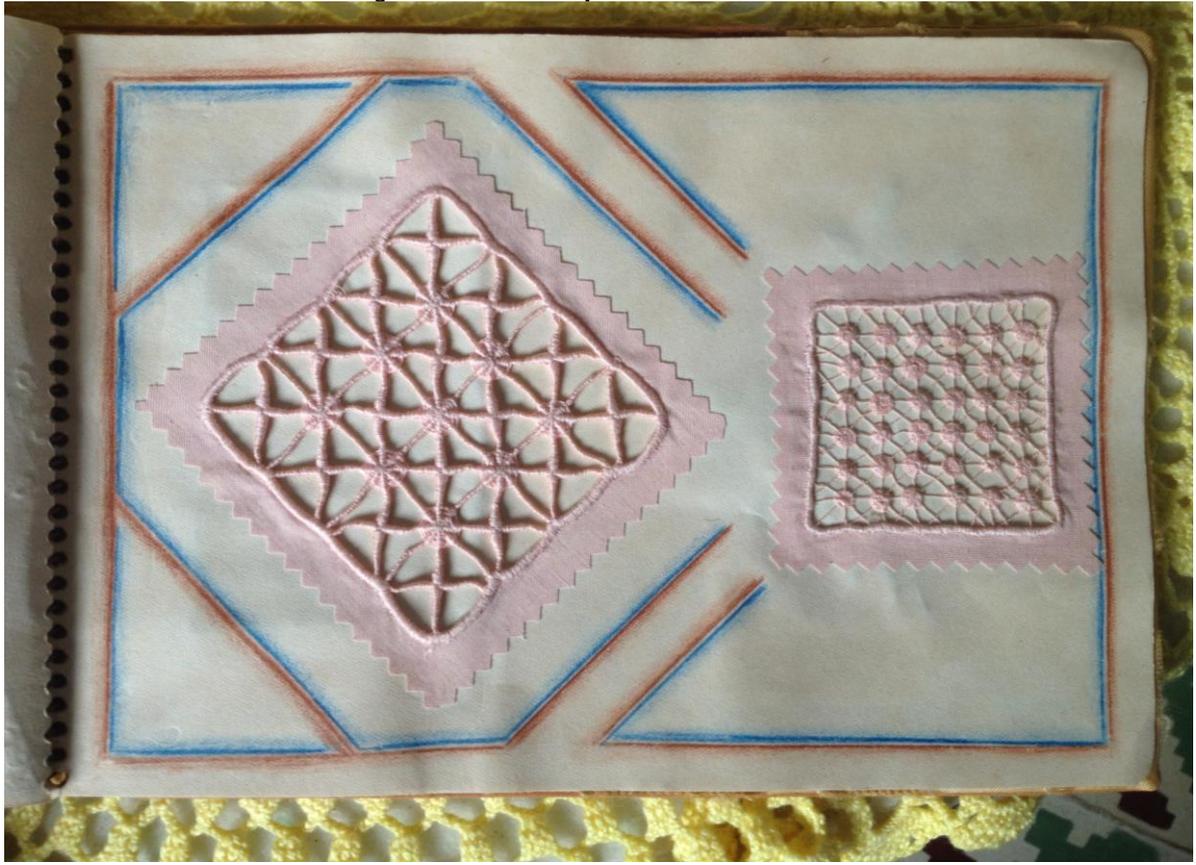
São padrões e formas dos tradicionais bordados europeus, trazidos pelas irmãs alemãs. Configuram os elementos visuais da representação social do "feminino", idealizado como delicado e frágil. Pensamento amplamente difundido na educação feminina no Brasil até meados do século XX, tema apresentado mais adiante neste trabalho.

Figura 31 – Ponto cheio



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 32 – Ponto ajour, barras enroladas



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 33 – Ponto ajour, cheio



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 34 – Floral com pontos diferentes: ponto cheio e pintura de agulha



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 35 – Floral em ponto cheio e pintura de agulha



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 36 – Foral em ponto cheio



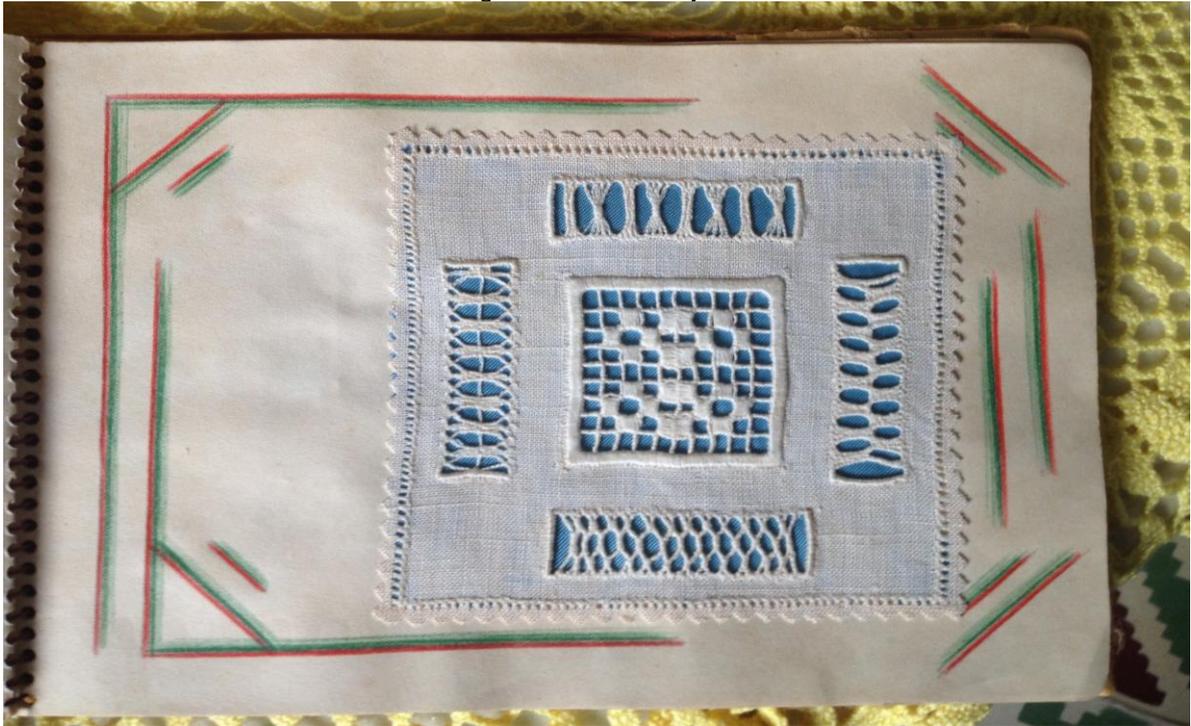
Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 37 – Foral em ponto cheio



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 38 – Ponto ajour



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 39 – Ponto ajour



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Delvanira é irmã da Irmã Clarice. Reside numa casa anexa ao Lar Santa Elizabeth, me recebeu muito bem e animada me contou tudo o que lembrava das aulas de Trabalhos Manuais. Como aconteciam as aulas e qual a sua função enquanto assistente da professora. Desempenhou várias atividades como, costureira e bordadeira para o convento, relatou:

“Comecei costurando para as irmãs, vestido de primeira comunhão, roupa de formatura”. [...] Depois fui ajudante da Irmã Gamalberta, na aula ajudava ela a corrigir as coisas, os trabalhos, né? Ajudava lá a estirar, porque esse crochê, é tudo crochê e tricô de estirar.” (Delvanira)

Em suas recordações, Delvanira comentou que os temas trabalhados nas aulas eram retirados de moldes de livros e revistas alemãs. Tinham que ser reproduzidos o mais perfeito possível, um dos critérios para melhor pontuação na disciplina. Sobre o planejamento das aulas, relembra:

“A Irmã Já tinha por onde começar o planejamento, tudinho, programado, tudinho... Elas faziam muito baseado pelo livro alemão. Escrevia tudinho, sabia direitinho. [...] Ela era muito rigorosa com as coisas do trabalho dela, em crochê [...] Ela não admitia de jeito nenhum o trabalho cheio de nó, no avesso.” (Delvanira)

É notório em sua fala, que as atividades eram realizadas com planejamento prévio. Cada aula seguia uma sequência metodológica, que iniciava com pontos básicos, depois a experimentação das mais diversas técnicas e finalizava com uma exposição final. A professora era bastante exigente com suas alunas, pedindo dedicação e perfeição nas feitura, mesmo com as mais pequeninas. De acordo com Delvanira, as meninas desde muito pequenas, por volta do segundo ano, já aprendiam os fazeres com linhas. E ela recorda que era até engraçado, pois às vezes algumas puxavam de mais a linha e outras brincavam na hora da aula. Quando a escola passou a receber meninos nas séries iniciais, as atividades eram separadas. Para os meninos, as aulas de trabalhos manuais eram diferentes, era ensinado a marcenaria com a produção de brinquedos de madeira.

Como relatou:

“Os meninos tinham aula de trabalhos manuais, mas era diferente, não era essas coisas de bordado, não, era carrinho de madeira... cavalinho de madeira”. Era tudo em fórmica, desenhava e saía com a serrinha, serrando, e fazendo os brinquedos de madeira.” (Delvanira)

Essa diferenciação das atividades reflete bem o pensamento da época, a ideia de atividades distintas para meninas e para meninos. Conforme Louro (2002), as meninas, diferentemente dos meninos, deveriam aprender bordado e costura, além das outras matérias, comum a ambos sexos. Apesar de tal estrutura curricular datar do século XIX, esse pensamento perdurou até meados do século XX.

Em relação as exposições de final de ano, comentou: *“Todo final de ano, a exposição de crochê, tricô, tudo que era trabalho manual, de bordado, pintura, tinha muita pintura também, vinham conhecer, todo mundo vinha, né? Ver a exposição”*. (Delvanira). Completou afirmando: *“As meninas que faziam parte para virar freira, algumas vendiam o trabalho na exposição.”* (Delvanira). Tais exposições tinham como objetivo a apresentação dos trabalhos das alunas, aos familiares e sociedade.

Mas não era apenas no colégio que as freiras ensinavam os trabalhos com linhas e marcenaria, também ensinavam no Lar Santa Elisabeth, com o propósito de garantir renda para as(os) alunas(os) com a venda dos produtos que aprendiam a confeccionar. A intenção das freiras alemãs era de contribuir para a melhoria da condição econômica e social da população pobre da cidade e dos sítios da zona rural. Comenta Delvanira: *“Termina lá, eles tinham, o tempo dela dá aula aqui no lar social, também, aí juntava todas as pessoas do sítio que queria aprender, aí vinha para aí, para aprender com Madre Gamalberta.”* (Delvanira) O empenho das freiras, reafirmam o compromisso social, professada como vocação cristã de servir a Deus e ajudar ao próximo. Para tanto se dedicaram e se prepararam, por anos, nos conventos.

Delvanira lembrou ainda, que antes da escola já era desenvolvido na cidade aulas de trabalhos manuais, como por exemplo no Centro Social Padre Ibiapina que tinha como professora Emília Barros, *“antes dessa escola tinha uma escolinha de trabalhos manuais [...] Era Emília que dava as aulas. E eu não era boa aluna na escola, não. Aprendi mais lá no colégio.”* (Delvanira) Ela fala nesse momento sobre as obras sociais do Centro Social. Durante muitos anos foi referência no ensino de das artes têxteis, como as feitura com linhas e as aulas de corte e costura, além de outras técnicas de artesanato. Os cursos eram ministrados pelas irmãs Emília e Lita Barros, assessoradas pela irmã mais nova, Olga.

Durante muitos anos de sua vida dedicou-se às feitura com linhas no bordado e na costura. Lembra com orgulho que era muito boa no bordado à máquina, tinha grande domínio da técnica e controle nas mãos para segurar e manusear o bastidor

na máquina. Técnica muito difícil e poucas conseguiam essa proeza, afirmou sorridente.

Atualmente costura pouco e não faz mais crochê, por causa de dores na coluna e nos braços. Sente falta dos trabalhos com as linhas, como fazia na juventude, completou dizendo: *“a pessoa que não aprendeu essas coisas não sente falta. Mas que aprendeu, sim. Muitas mulheres hoje sente falta, né?”* (Delvanira). Relembra com humor de uma frase que sempre dizia na juventude: *“crochê é coisa de velha, quando eu for velha eu faço... Mas hoje, eu sou velha e não consigo fazer, dói os braços, a coluna... Crochê e tricô, não é coisa de velho, se fosse eu tava podendo fazer! É coisa de novo!”*. (Delvanira)

Sua fala remete ao que Bosi afirma:

Na velhice, quando já não há mais lugar para aquele “fazer”, é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora é fazer. É por isso que o velho tende a sobrestimar aquele fazer que já não se faz [...] Quanto mais a memória revive o trabalho que se fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício. (BOSI, 1994, p. 480)

Ao elencar as contribuições dessas últimas três mulheres, Diana Rodrigues, Clarice Oliveira e Delvanira, contemplo a participação das mulheres de Triunfo na contextualização deste trabalho, que juntamente com as memórias das artesãs, Antônia, Joselita, Natércia e Socorro, conferem à pesquisa, originalidade e pertencimento. Ao todo são sete mulheres, embora o foco do estudo se concentre nas falas de quatro delas. Todas passaram pelo Colégio Stella Maris e trazem recordações e experiências significativas para suas vidas.

São as vozes femininas de Triunfo, representadas por essas mulheres. São muitas outras, cada uma com sua feitura especial, seu fazer feminino, seja com linhas, com culinária ou com outras formas de expressão, e nas mais diversas profissões. Ex-alunas ou não do Stella Maris.

Dessas mulheres ouvirei histórias. Com essas mulheres, contaremos histórias. Mergulharemos em lembranças e revisitaremos as memórias. Dessas mulheres, contarei suas histórias. Ciente que a pesquisa narrativa vai muito além do ouvir histórias, é muito mais que contar histórias, é uma forma de viver, é um modo de ver a vida de uma perspectiva diferente, conforme Clandinin e Connelly (2011).

3 DO RISCO AO PONTO, DESENHANDO A ESTRELA NO SERTÃO

“Dezembro do mesmo ano,
Triunfo estava na meta.
Chegar foi uma aventura...
Mas a fé – arma secreta –
Mais animava a ESTRELA.
E como foi belo vê-la,
Com esforços singulares,
Sobre ruína insegura,
Erguer a bela estrutura
Do Colégio Stella Maris!” (Dedé Monteiro, 153)

3.1 STELLA MARIS, UMA ESTRELA DE AUGSBURG BRILHA EM TRIUNFO

A História da fundação do Stella Maris é marcada pela coragem e perseverança de freiras alemãs que deixaram sua terra e familiares para cumprir a missão a qual foram destinadas. Eram as Irmãs Franciscanas de Maristella, que saíram de Augsburg, Alemanha para o Brasil.

O Colégio Stella Maris, foi fundado no ano de 1939 pelas freiras alemãs, iniciando suas atividades em salas de aula improvisadas em diversos lugares: dois salões na Escola Municipal, a Capela do Rosário e a sacristia e a sala de visitas de uma família da cidade. Em 1940, começou a funcionar o Curso Normal Rural no prédio da Caridade, com a finalidade de formar professoras primárias. Em junho de 1946 o Stella Maris passou a ocupar o prédio do antigo seminário que ainda estava em reforma, e em pouco tempo se transformou na construção que se conhece hoje. Em 1950, o Colégio passou a ser chamado de “Escola Normal Regional Stella Maris”. Em 1957, devido às exigências da época, foi necessário transformar o Curso Normal Regional em Curso Ginásial e Pedagógico. Devido a grandes dificuldades financeiras, encerrou suas atividades em 31 de dezembro de 2003, quando completava 65 anos.

Para recontar essa História conto com a ajuda da Irmã Clarice Alves de Oliveira, coautora do livro “70 anos de Irradiação da Estrela no Brasil”, Batista, Pereira, Oliveira e Wener (2008). A irmã é uma das responsáveis pelo Lar Santa Elizabeth, foi aluna e professora de Português e de Inglês do Stella Maris, se ordenou freira no convento da própria instituição.

Procurei a Irmã Clarice, porque fui informada por moradores da cidade, sobre a possibilidade de alguns documentos do Stella Maris estarem sob o poder do Lar,

também administrado pelas irmãs franciscanas. Elas teriam ficado responsáveis por parte dos bens do colégio. Mas, de acordo com a irmã Clarice, toda a parte documental foi encaminhada à GRE do Sertão do Alto do Pajeú, Afogados da Ingazeira.

A conversa aconteceu no terraço da casa das freiras no Lar Santa Elizabeth. Sentamos nas antigas cadeiras que decoram o espaço e iniciamos uma longa conversa. A irmã estava bem à vontade e me contou como se deu a fundação do Stella Maris, desde a chegada das irmãs Alemãs, a trajetória de luta para se estabelecerem na cidade e fundar a maior e mais importante escola confessional, privada, da região.

Apesar da irmã não ser artesã considerei relevante seu relato, por recontar a história do colégio. Bem como das obras sociais desenvolvidas pelas freiras no Lar Santa Elizabeth. Dentro desse processo histórico a Irmã Clarice tem uma importante contribuição, devido a sua pesquisa e construção textual que culminou no livro, já citado anteriormente, sobre a saga das Irmãs Maristellas de Augsburg, até a chegada delas ao Brasil, em Pernambuco.

A História das Irmãs Franciscanas de Maristella começou bem longe daqui e há mais de 700 anos. Mas essa é uma outra história que não será contada aqui. Detive-me ao momento em que as irmãs chegam ao Brasil, na cidade de Triunfo.

De acordo com Batista, Pereira, Oliveira e Wener (2008), com o surgimento do Nazismo na Alemanha, as irmandades religiosas sofreram perseguições. A fim de não se submeterem às exigências do regime nazista algumas ordens religiosas se sentiram forçadas a deixarem a Alemanha. Grande eram as dificuldades na época e diversas escolas e conventos foram fechados. Foi então que de Augsburg, Alemanha, partiram três grupos de freiras Franciscanas de Maristella rumo à Pernambuco, para as cidades de Timbaúba, Triunfo e Limoeiro. A missão era fundar nas cidades escolhidas conventos, escolas e obras sociais. Estas cidades, já contavam com a presença de religiosos, mas a situação dos conventos e escolas estavam precárias e algumas até com as atividades encerradas. As irmãs deveriam retomar as atividades nessas cidades e assim fundaram escolas que se destacaram nas cidades e regiões.

Em Timbaúba, o Colégio Santa Maria, pelo primeiro grupo de freiras. Em Triunfo, o Colégio Stella Maris, pelo segundo grupo. E Em Limoeiro, o Colégio Regina Coeli, pelo terceiro grupo. Foram escolas de fundamental importância na formação de gerações de crianças, jovens e principalmente professoras.

Sobre a Colégio Santa Maria de Timbaúba, existe uma pesquisa intitulada, “De Augsburg para Pernambuco - Irmãs franciscanas de Maristella formando professoras - Timbaúba/PE, 1938 a 1950”, de Eremilda Vieira Costa (2003). A autora reconstrói o cotidiano escolar, no período entre 1938 e 1950, do colégio. Destaca os saberes que formavam as professoras e os ritos das atividades educacionais, destinadas às mulheres pertencentes a elite. Rico material de pesquisa para entender a importância das escolas confessionais nas cidades onde se estabeleciam.

Em Limoeiro, as irmãs franciscanas que fundaram o Colégio Regina Coeli, tiveram importante participação na tradição do bordado de Passira. Fato comentado pela Irmã Clarisse e observado na pesquisa, “O universo da bordadeira, estudo etnográfico do bordado em Passira” de Maria Regina M. Batista e Silva (1995). Passira foi distrito de Limoeiro, mesmo após a emancipação política, continuou economicamente ligada a Limoeiro. Na década de 1950, as freiras alemãs, começaram a desenvolver trabalhos comunitários, em agrupamentos rurais, introduzindo o bordado como alternativa financeira para os agricultores da região, que na época era um importante núcleo de plantação de algodão. Desde então, a tradição europeia dos trabalhos manuais, principalmente o bordado, foi incorporado pela população de Passira tornando-se hoje, importante polo artesanal do bordado de Pernambuco.

As irmãs que vieram para Triunfo faziam parte do segundo grupo. Chegaram à cidade em janeiro de 1939.

De acordo com os relatos da irmã Clarice, eram momentos difíceis, período de ameaça de guerra, por essa razão as freiras foram obrigadas a sair da Alemanha sem trazer nada. E ao chegar na cidade se depararam com a falta de uma casa para morarem e de estrutura para organizarem a escola. Contaram então com a ajuda de famílias que as abrigaram em suas casas. Depois foram para a Casa de Caridade onde se estabeleceram provisoriamente por alguns anos.

Diante das dificuldades encontradas pelas freiras, segundo relatos da irmã Clarice transcritas nesse trecho, o Bispo da cidade cedeu o prédio que se transformou na mais importante escola da Região:

“O Bispo cedeu um seminário que estava em ruína, tinha sido abandonado há 19 anos, e tava assim, ruínas, no mato, aí elas começaram a lutar para reconstruir, né? E aí hoje é esse Stella Maris, o prédio que está ali, que elas fizeram isso com muito esforço, com muita renúncia delas mesma, passando necessidade, pedindo ajuda ao povo, o povo de Triunfo ajudando, porque

elas não tinham, no começo elas chegaram aqui e realmente sem nada, porque foi um período assim de guerra, né? Ameaça de guerra, e elas não tinham licença de trazer nada para outro país, só o necessário para viagem.” (Irmã Clarisse)

Sobre o começo da escola, conta:

“E a escola começou assim: elas moravam nessa casa de família, em frente tinha outra residência que cedeu a sala, a sala de visita, pertinho tinha uma escola municipal que elas utilizaram, parece que uma salas, eles cederam, pertinho também tinha uma capela, Capela do Rosário, que elas ensinaram na sacristia dessa, e assim começaram as aulas.” (Irmã Clarisse)

Afirma que inicialmente a escola era feminina, posteriormente foram aceitando meninos para as séries iniciais, afirma: *“era só para mulher, porque naquele tempo era assim, né? A questão. Até porque elas, o objetivo delas era formar educadores, né? E naquele tempo, educadores, só pensavam que podia ser mulher, né?”* (Irmã Clarisse)

Essa visão se perpetuava na época, e as meninas já eram preparadas desde muito novinhas para esse ofício. Como aponta Louro, (2002):

As escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas, depois muitas; por fim os cursos normais tornaram-se escolas de mulheres. Seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo faz desse um espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras. A instituição e a sociedade utilizam múltiplos dispositivos e símbolos para ensinar-lhes sua missão, desenhar-lhes um perfil próprio, confiar-lhe uma tarefa. A formação docente também se feminiza. (LOURO, 2002. p. 454-455).

E assim foram formadas gerações de professoras no Colégio Stella Maris. Sobre o prédio onde funcionava a escola, relatou:

“Era um colégio diocesano, que era ocupado pelos maristas, os maristas ensinaram lá, e no tempo assim, da peste bubônica, eles tiveram, eles foram embora, e ficou lá abandonado, e... Como eu disse, acho que, é, mais ou menos uns 19 anos já que ele estava desativado, abandonado, caído, só as, só as ruínas, aí foi que a diocese passou uma escritura de doação, né? Para as irmãs. Mas nessa escritura de doação tinha uma cláusula que se as irmãs abandonassem a educação, é... voltaria para a diocese, sem nenhuma, sem nenhum ressarcimento, né?” (Irmã Clarisse)

Nesse ponto defende que os encerramentos das atividades do Stella Maris em 2003, não foi um abandono, e sim por força das circunstâncias. As freiras nada mais conseguiam fazer para manter aquela imensa estrutura que construíram ao longo dos

anos que estiveram na administração do colégio, e com muito pesar fecharam as portas e devolveram o prédio para Diocese. Relata Clarice:

“Mas, assim, foi um pouco conturbado porque não foi propriamente uma, um abandono, foi uma questão forçada pelas circunstâncias, né? No, não tem inadimplência, e o povo, o salário muito alto dos professores, e não tinha como renegociar, né? Toda essa questão legal, aí resolveu encerrar as atividades.” (Irmã Clarisse)

Como o foco da minha pesquisa eram as décadas de 1950 e 1960 perguntei como era a escola nesse período, mas sua resposta se focou no fechamento do internato.

“É, era muito, no internato, né? Também a questão do internato, né? Que fechou tinha, tem, tem mais de 100 alunas internas, e esse internato ajudava muito a sustentar, né? Mas houve um tempo que não tinha mais sentido, internato, o, o, muitas escolas boas também surgiram nas cidades vizinhas, que o internato era mais o pessoal dos municípios vizinhos, e pessoal dos sítios também, para ir transporte, para cidade, tudo isso favoreceu e, e até a questão assim, de ideologia, né? De filhos, usufruir de vida que não era mais, não era mais interessante as pessoas ficarem distantes da família, era muito mais complicado, como hoje a gente acha, né? Que realmente a educação certa é a aquela na família, né? Então tudo isso contribuiu para o fechamento do internato, e isso realmente deu uma, uma, um problema financeiro na escola também, porque a população de Triunfo era, não tinha, Triunfo não tem assim poder aquisitivo, agora tá melhor com o turismo, mas questão de Turismo, mas o poder aquisitivo de Triunfo é pouco, né? E alguns, algumas pessoas que tinham mais possibilidade, essas pessoas, muito assim que tinha uma possibilidade, começaram a colocar os filhos assim em Recife, porque facilitava depois a entrada na faculdade, é tudo isso.” (Irmã Clarisse)

Sobre as aulas de trabalhos manuais a Irmã Clarice falou basicamente a mesma coisa que as outras entrevistadas. Enfatizando, a questão da nota, e que as irmãs eram bem exigentes nesse ponto e avaliavam com extremo critério o desempenho das alunas. E no seu caso as notas na disciplina não eram muito boas, eram as mais baixas que ela sempre tirava. Não se considerava boa aluna nessa matéria.

A irmã Clarice acrescenta em seus relatos, a fundação do Lar Santa Elizabeth, também administrado pelas freiras alemãs do Stella Maris. O Lar era uma obra social que atendia as famílias pobres, principalmente mulheres e órfãos da região. Conforme Louro (2002, p. 445): “Algumas ordens religiosas femininas dedicaram-se especialmente à educação das meninas órfãs, com a preocupação de preservá-las da ‘contaminação dos vícios’ [...]”. O Lar representava um dos principais propósitos das freiras que era atender a população mais pobre. E o licor de rosas, foi um dos

ensinamentos repassados para esse público com a finalidade de estimular a produção e venda, e, conseqüentemente a geração de renda.

Sobre a atuação das irmãs do Lar, Irmã Clarice afirma:

“Foi... olhe, eu nem sei direito, eu tenho impressão que essa questão do licor de rosas foi mais aqui no Lar Santa Elizabeth, porque o Lar Santa Elizabeth aqui, é a extensão de lá, né? Porque as irmãs se preocupavam muito com os pobres, então elas ficavam inquietas porque elas, o sonho delas foi sempre ir para os pobres, quando chegaram aqui, as circunstâncias aqui eram para se dedicar à classe média, chamada média naquele tempo, né? E, aí elas começaram a ir para os morros, se preocupar com os pobres, até que enfim, em cada, não só aqui em Triunfo, mas em cada lugar onde elas fizeram um colégio, fizeram logo também uma obra social, né? E aqui, em 1965, surgiu o Lar Santa Elizabeth. Dessa questão do Licor, eu acredito que, assim, no Stella Maris eu não tenho esse conhecimento do licor, as irmãs sabiam, mas assim, as que vieram aqui para o lar, receberam informação, e receita... daquilo que elas traziam da Alemanha, coisa assim, e aqui elas fizeram, como é obra social precisava se virar, de fazer lojinha, e arranjar através de artesanato, arranjar meio de sustentar a obra, então elas começaram a fabricar o licor, com esse objetivo, né?. [...] Foi no mesmo ano. Aliás, começou a funcionar como pousada. [...] A obra Social, porque, assim, precisava primeiro ter, um fundo, para poder receber, né? Então começou, foi inaugurada em Dezembro, né? Em Dezembro de 1965, e já na inauguração, já se hospedou, pessoal que veio, muita, com as pessoas que vieram do Recife, com sua alemã, já se hospedou, então já começou, as irmãs já começaram a morar aqui e receber hóspedes, e só em Junho, né? Em 3 de Junho, foi que começou a chegar, chegou a primeira interna, aí eles começaram com o orfanato, porque era orfanato, né? Era para atender as, não só as, chamava orfanato, mas não atendia só órfãos, atendia crianças pobres dos sítios; porque as que tinham melhor condição financeira, pagavam internato, e as que não tinham aí elas se preocupavam, e as que não têm, também essa obra aqui acolheu, acolhia essa crianças pobres que eram assim, muito interessadas em estudar e não tinham como, naquele tempo não tinha transporte, né? Como hoje tem, aí elas recebiam aqui, e as que, elas aqui estudavam no Stella Maris.” (Irmã Clarisse)

O Lar Santa Elizabeth foi inaugurado em 1965, construído com o objetivo de acolher crianças e órfãos em sistema de internato e hotel para o sustento da casa. A pousada era dirigida pelas irmãs franciscanas alemãs e foi um dos primeiros hotéis na linhagem do turismo de Triunfo. Atualmente, o Lar Santa Elizabeth é uma obra social, favorecendo cerca de 450 crianças e adolescentes de 01 a 18 anos, bem como as suas famílias, tendo como objetivo proteger e promover a vida e a cidadania. Dentre as várias atividades oferecidas, estão as aulas de arte e artesanato, com parte da produção vendida na lojinha do próprio Lar, como foi desde a sua fundação.

Figura 40 - Lar Santa Elizabeth



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 41 - Pátio interno do Lar Santa Elizabeth



Fonte: Veruschka Greenhalgh

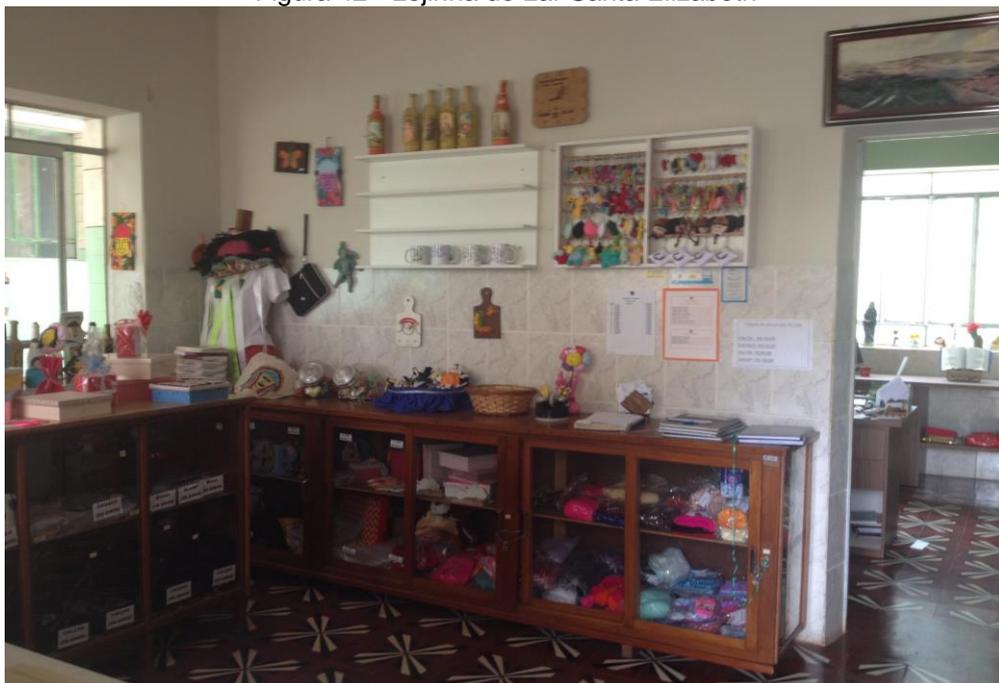
Havia uma lojinha de artesanato na pousada do Lar Santa Elizabeth, dessa me recordo muito bem. Quando das viagens que fazia com meus pais ficávamos hospedados na pousada. Foi justamente nessa lojinha, por volta da década de 1970, que aconteceu meus primeiros contatos com o artesanato de Triunfo. Encantavam-me os bordados que ficavam expostos nas prateleiras, recordo-me do dia que, com as mãozinhas sujas de terra de brincar nos jardins da pousada, alisei uma das toalhas a fim de sentir a textura do bordado, levei uma bronca da freira que ali se encontrava.

O Propósito da lojinha era justamente reverter os produtos vendidos em verbas para a manutenção da obra social, como afirma Clarice:

“É, a lojinha, era também com esse objetivo, né? Era uma irmã alemã, Irmã Gudmmar, que, que, gerenciava, essa lojinha. [...] As crianças daqui, elas produziam, né? Faziam muita, muitos trabalhos, e é como, é até hoje, né? Se faz para um meio de ajudar também na manutenção. [...] antes do Lar, foi antes, antes de começar esse lar, tinha aqui uma Obra social que ensinava bordado, trabalhos manuais, era a mesma irmã que, eu ver que era a mesma... É, era a mesma irmã que ensinava no Stella Maris, ela dava aqui cursos de bordado para as mulheres, Bordado, Tricô, para as mulheres, para depois elas verem também como elas podiam melhorar a renda da família com isso.” (Irmã Clarisse)

A lojinha funciona até hoje, da mesma forma, vendendo o artesanato produzido pelas crianças e adolescentes assistidas pelo projeto social do Lar, com o mesmo propósito de ensinar o artesanato e contribuir financeiramente na manutenção do Lar.

Figura 42 - Lojinha do Lar Santa Elizabeth



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Ao finalizar a entrevista a Irmã Clarice me mostrou uma toalhinha que havia feito na época do colégio, e confessou que não era muito boa no manejo com as agulhas. Mas conseguia produzir o suficiente para passar na disciplina.

Figura 43 - Toalhinha de centro em crochê feito pela Irmã Clarice, quando aluna



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Depois me levou para conhecer sua irmã, a D. Delvanira que me cedeu uma entrevista e imagens de seus trabalhos. Ao retornar para o Lar para me despedir da irmã Clarice, ela me convidou para um cafezinho na cozinha onde conversou bastante sobre a história das freiras alemãs e da escola. Naquele momento não estava gravando, percebi então que ela se recordou de outros fatos que não tinha relatado anteriormente, por estar mais descontraída. É como fala Bosi (1994):

A memória é um cabedal infinito no qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito, (BOSI, 1994, p. 39).

E foi assim que aconteceu com outras entrevistadas, lembranças surgiam no momento da despedida.

Figura 44 - As irmãs Clarice e Delvanira



Fonte: Veruschka Greenhalgh

3.2 DOS QUESTIONAMENTOS AO CAMPO DE PESQUISA

A realização de uma pesquisa pressupõe engajamento, dedicação, estudo, reflexão, deslocamento, inter-relações com as pessoas entrevistadas e uma série de envolvimento emocional que vão desde a euforia à frustração, angústias e realizações, e diversos outros sentimentos que nos acompanham em toda essa jornada.

Para mim, fazer uma pesquisa mostrando apenas os questionamentos e resultados me dá a sensação de ter suprimido parte essencial de todo o esforço empregado que são os processos desenvolvidos durante o estudo. Por essa razão, escolhi por apresentar os procedimentos e caminhos que percorri durante a pesquisa no corpo do trabalho. Essa forma de apresentação me chamou a atenção no estudo de Richter (2003), onde ela apresenta sua pesquisa sobre interculturalidade e estética do cotidiano trazendo no corpo do texto os processos de construção da mesma.

Revestida do espírito de investigadora e cheia de expectativas, parti rumo ao campo da minha pesquisa, a cidade de Triunfo, certa de que iria encontrar todas as respostas que procurava. Essa foi a primeira visita ao campo com o propósito de colher dados para elaboração do meu trabalho.

Peguei a estrada em janeiro de 2019, levando na bagagem meus planos, metodicamente preparados, acreditando que iria segui-los passo a passo. Estava enganada, muita coisa aconteceu nessa empreitada o que me conduziu por caminhos inesperados. Nesse caso, trago à reflexão a afirmação de Clandinin e Connelly (2011) de que na pesquisa narrativa os questionamentos podem ser substituídos e os propósitos modificados, pois os próprios participantes podem apontar novas direções.

Figura 45 - Rumo à Triunfo colher histórias e ao encontro com minhas memórias



Fonte: Veruschka Greenhalgh

E foi exatamente o que aconteceu, muitos encontros se sucederam, muitas histórias me foram contadas por outras moradoras da cidade. Houve encontros que renderam informações relevantes para a minha pesquisa, mas houve também desencontros.

Ouvi outras mulheres, para além das que trago neste trabalho, que me ajudaram a construir uma narrativa. Considero cada encontro rico. Por essa razão, decidi apresentar, algumas das suas contribuições. Pois, facilitaram na elucidação de

alguns pontos. São elas, Ellen e Socorro Granja que apresentarei mais adiante. Não fazem parte diretamente da pesquisa, mas considereei relevantes suas informações.

Devidamente instalada na cidade e com meu diário de bordo e roteiro em mãos, saí em busca das artesãs, que já havia feito um levantamento anterior, por ocasião de pesquisas anteriores. Algumas delas já conhecia de outras idas à Triunfo, e algumas, dos meus tempos de infância.

Uma estratégia que utilizei para ativar as suas memórias foi fazer o primeiro contato no dia anterior a entrevista explicando os objetivos e sobre o que se tratava. E deu certo, pois ficavam animadas e receptivas ao diálogo. Chegando inclusive a procurarem em seus pertences alguns trabalhos realizados para me mostrar. Por se tratar de uma pesquisa narrativa, precisava escutar suas histórias, conhecer suas experiências. Pois a pesquisa narrativa é “uma forma de entender a experiência” de acordo Clandinin e Connelly (2011, p.20). A pesquisa narrativa possui uma relação dialogal e colaborativa entre pesquisador e pesquisado. Em que as informações podem ser obtidas por diversos meios, dos quais selecionei as entrevistas gravadas em áudio, o diário de campo e registro de imagens.

Primeiramente fui ao Lar Santa Elizabeth solicitar autorização para realização da pesquisa, já que o Lar e o Stella Maris pertencem a mesma congregação e de certa forma poderia ser guardião de documentos do antigo colégio. Mas infelizmente, nenhum documento ou fotografias estão sob os cuidados dessa instituição. Fui informada então que a parte documental do colégio se encontra hoje na GRE de Afogados da Ingazeira, mas não tive acesso a tais documentos, nesse caso o trabalho foi construído a partir de narrativas e memórias das mulheres artesãs ex-alunas do Stella Maris.

Conversei com a Irmã Clarice, uma das responsáveis pelo Lar Santa Elizabeth. Ex-aluna e ex-professora, não é artesã, mas lembra bem das aulas de Trabalhos Manuais. Através dela ouvi a história da trajetória de luta das irmãs desde a vinda para a cidade de Triunfo e da fundação do colégio. Falou sobre as obras sociais e a dedicação à educação e a formação de gerações de cidadãs e cidadãos triunfenses. Foi ela quem me apresentou a Delvanira, sua irmã, ex-assistente da professora de Trabalhos Manuais, a Irmã Gamalberta.

Ainda no Lar, conversei com Ellen, 21 anos de idade. Professora de arte do Lar Santa Elizabeth. Graduanda em Letras/Licenciatura em Português e Inglês. Ela trabalha com as crianças as técnicas de bordados, tapeçaria, crochê entre outras, que

eram ensinadas no Stella Maris. Afirmou que as irmãs trouxeram essas técnicas, ensinaram na escola e nas obras sociais. Passando de geração em geração e hoje ainda é ensinada no Lar para as crianças e adolescentes. A produção das crianças e adolescentes é vendida na lojinha do Lar, da mesma forma como era há décadas atrás. O valor é revertido para manutenção do próprio Lar. Ellen, não foi aluna do Stella Maris, tinha apenas poucos anos de vida quando o colégio encerrou suas atividades. O que sabe aprendeu com a avó, ex-aluna do Centro Social Padre Ibiapina. Ela também frequentou o Centro, em um curso para adolescentes. Interessante perceber, em sua fala, a intenção de dar continuidade ao trabalho das freiras alemãs. Uma tentativa de não permitir que a tradição do ensinamento dos fazeres com as linhas, seja esquecido. De acordo com Ellen, é uma atividade bastante valorizada no Lar, ela mesma tem orgulho em ensinar o que aprendeu às crianças e adolescentes.

Sobre os licores, doces e biscoitos me foi relatado pelas entrevistadas que não foram ensinados no colégio. A receita foi repassada pelas freiras no convento, nas ações sociais, no Lar Santa Elizabeth, ou diretamente para algumas mulheres. A proposta das freiras era proporcionar às mulheres das comunidades desassistidas e de baixo poder aquisitivo uma fonte de renda, segundo Irmã Clarice. A intenção das freiras era de ajudar a população pobre de Triunfo. Uma vez que a escola era particular deixando de fora moças oriundas de famílias pobres da cidade e dos pequenos sítios dos arredores. Estas frequentavam as escolas estaduais e municipais, e eram assistidas nas ações sociais desenvolvidas pelas Irmãs Franciscanas.

Um outro encontro, dessa vez com Socorro Granja, idade não informada. Ex-aluna do Stella Maris, produtora de licores e doces artesanais e proprietária de uma marca e loja de licores e outros produtos artesanais. Inicialmente, durante o levantamento de dados, elenquei sua participação na pesquisa. Porém após a entrevista, percebi que sua atividade diferenciava das demais artesãs e do objetivo do estudo. Embora, traga também em suas práticas cotidianas, o fazer artístico com linhas. Mesmo assim, considerei interessante falar brevemente sobre seu trabalho, devido a importância cultural dos licores e doces para a cidade, além de perceber em seu discurso uma relação intimista com o seu fazer.

De acordo com Socorro Granja a receita do famoso Licor de Pétalas de Rosas foi trazida pelas freiras alemãs há mais de 70 anos. Originalmente o licor era produzido com as rosas que eram cultivadas no próprio convento. Não foi ensinado no Colégio

Stella Maris, e sim no Lar Santa Elizabeth, em obras sociais ou diretamente a algumas mulheres. Segundo Socorro Granja, cada pessoa foi aprendendo a fazer e produzindo de seu próprio jeito. O licor de rosas foi amplamente divulgado e comercializado durante gerações. Ao longo dos tempos, foram incorporados, pelas aprendizes, novos sabores com frutos da região e diversos outros ingredientes que fizeram dos licores de Triunfo uma tradição, conquistando reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial pela FUNDARPE - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco.

Dessa forma, reafirmando o diz Araújo, (2009) sobre as tradições que se renovam constantemente, o Licor de Rosas atravessou o tempo e hoje está acompanhado de tantos outros sabores que surgiram a partir da sua receita original, “assim toda tradição se renova para que continue existindo, para que permaneça viva, revivida. No âmbito da cultura, o que não se renova tende a fenececer e a desaparecer diante do ritmo incessante dos ciclos e das mutações da história” (ARAÚJO, 2009. p. 2). E é justamente nessa perspectiva de renovação das tradições, que as mulheres pesquisadas se manifestaram, pois sempre estão se modernizando e incorporando novas técnicas e tendências, acessadas pela internet ou em publicações atualizadas de revistas nas suas produções, além das experimentações pessoais.

A cada encontro, histórias foram surgindo, novas informações foram se entrelaçando às linhas que bordam as narrativas dessas mulheres. O envolvimento das participantes, nesse primeiro momento, foi primordial para o andamento da pesquisa. Em cada casa ou comércio visitado fui bem recebida e as entrevistas transcorreram tranquilamente.

Com Socorro Paiva, a conversa aconteceu em sua casa, que como sempre estava toda decorada, “vestida”, com seus paninhos e almofadas em crochê. E como de costume estava a tecer um novo trabalho de crochê.

Em outro momento fui à loja de Natércia que contou sua trajetória como artesã. Como iniciou a vender sua produção artesanal de crochê e bordados até se tornar a primeira a proprietária loja de artesanato de Triunfo. Segundo a mesma, ela foi a primeira pessoa a produzir e vender artesanato para os turistas que visitavam a cidade. Ela me recebeu em meio aos seus afazeres com os bordados de uma grande encomenda.

Dentre os tantos encontros, conheci Antônia Paiva, atualmente reside em Santa Cruz da Baixa Verde anteriormente distrito de Triunfo. Ex-aluna apaixonada do Stella

Maris, trouxe suas lembranças repletas de emoção. Produziu profissionalmente seus crochês por um longo período, mas mudou de atividade e hoje possui uma padaria. Porém, não parou de fazer de suas linhas seu fazer artístico cotidiano.

A fim de costurar suas histórias e juntar as pontas dos fios que as unem numa mesma narrativa. Fui buscar nas imagens do lugar, que foi o ponto de partida das vivências e aprendizados das meninas que fizeram de seu “fazer feminino” um meio de viver, o Colégio Stella Maris.

Figura 46 - Colégio Stella Maris, entrada principal



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Belo prédio com grandes salões e corredores ladeados de arcos, que dão para um imenso pátio no centro. A estrutura do colégio é enorme, com alguns prédios anexos, jardins, pátios externos, e capela. Lugar que já conhecia desde minha infância, através das viagens que realizava com meus pais à cidade, que por várias ocasiões visitávamos as instalações do Stella Maris. Para mim era uma aventura, corria pelos seus corredores e explorava seus espaços e jardins. Íamos nos finais de semana, por essa razão sempre estava vazio apenas com algumas freiras circulando pelos espaços.

A arquitetura do prédio chama atenção pelo seu tamanho, fachada e estrutura, Conforme, Louro (2002):

As escolas normais, plantadas inicialmente nas principais cidades do país, buscam, desde suas fachadas, frequentemente solenes, indicar a todas as pessoas que por ali passam que são distintas dos demais prédios, que têm um objetivo especial. Seu espaço interno tem também uma organização plena de significados: “seus corredores e salas, a capela ou crucifixo, as bandeiras ou os retratos de autoridades, os quadros de formaturas ou os bustos das ‘personalidades ilustres’ estão afirmando ou ocultando saberes, valores e ‘exemplos’, sugerindo destinos. (LOURO, 2002, p. 455, apud LOURO, 1995, p. 67)

Características marcantes do Stella Maris que sempre se destacou na cidade e região. Atualmente é uma pousada que faz parte do complexo Centro Pastoral Diocesano Stella Maris e Seminário Diocesano São Judas Tadeu. Preserva a maior parte de sua estrutura original, como apresento nas próximas imagens, da figura 47 a figura 55.

Figura 47 – Piso de Ladrilhos Hidráulicos. Que venham novos caminhos, meus pés estão prontos para seguir



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Hoje, ao caminhar por aqueles corredores, depois de mais de quarenta anos, revivi velhas lembranças, me vi criança curiosa, explorando cada pedaço daquele imenso lugar cheio de mistérios e às vezes até assustador. Ficava apavorada quando vinha alguma freira em minha direção e tratava logo de me esconder. Olhava atenta

para tudo ao meu redor, me lembro de quadros nas paredes e imagens sacras. O piso colorido de ladrilhos hidráulicos, que diferenciavam os motivos de um salão ou corredor para outro, me fascinavam. Transporte-me para uma época onde tudo se desenhava entre cores e formas na minha mente, me chamando a atenção cada detalhe. Incrivelmente que depois de tantos anos e muitas reformas, consegui ainda encontrar alguns vestígios das imagens que ficaram guardadas em minha memória. É como afirma Halbwachs, (2003, p.25): “quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstruir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas”.

Figura 48 - Um convite para entrar... Corredor da entrada lateral rodeado de jardins



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Embora não tenha vivido as mesmas experiências que as entrevistadas, pois não fui aluna do Stella Maris, muito menos vivi a mesma época, uma vez que nasci em 1970, consegui construir em minha mente as imagens de acordo com as narrativas das mulheres que ali estudaram, misturando com as imagens que reconstruí da minha infância.

Sobre as imagens que se transformam em lembranças Halbwachs, (2003) afirma que:

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena onde outros homens eram espectadores ou atores para que, mais tarde, quando eles a evocarem diante de mim, quando reconstituírem peça por peça a sua imagem em meu espírito, subitamente essa construção artificial se anime e tome aparência de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. (HALBWACHS, 2003, p.28).

Mas, no meu caso, uma lembrança imaginária, fictícia, já que não compartilhei com elas as mesmas vivências. Criei apenas projeções de como teria sido as aulas de trabalhos manuais naquelas salas imensas cheias de janelas, ou as alunas no pátio durante o intervalo das aulas e o espaço das exposições dos trabalhos realizados.

Das minhas memórias vivas do Stella Maris trago as lembranças das minhas brincadeiras de criança. Horas sozinha com minhas fantasias, horas com meus irmãos.

E agora como pesquisadora, imersa num universo de imagens reais e fictícias onde se misturam a história da criança que por ali brincava com as das meninas que ali estudaram. Reconstruo a história das linhas dos bordados e crochês que me encantavam e que ainda me encantam.

Figura 49 - Pátio interno



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Caminhando pelos espaços, percebi que a maioria se interligavam por corredores ou portas. De alguns pontos, é possível ter uma visão ampla, como é o caso do pátio interno, cercado por corredores. Do centro do pátio, tive a sensação de estar sendo observada por todos os lados. Lembrei-me de Louro (2002), refletindo sobre a relação entre a estrutura arquitetônica e as ações controle:

Os arranjos físicos – do tempo e do espaço escolares – estão informando e formando. Talvez possamos entender que a própria arquitetura e, nesse caso a arquitetura escolar, constitui como que um “programa” que fala aos sujeitos, que lhe diz como agir, enfim que acaba por instituir, “em sua materialidade, um sistema de valores, como ordem, disciplina e vigilância.” (ESCOLANO, 1994, p. 100, apud LOURO, 2002, p. 455)

Com essa perspectiva, o espaço físico era pensado. De todos os pontos era possível observar as alunas. Inclusive em seus momentos de lazer no pátio e nos jardins. Assim, de acordo com Louro, (2002, p. 455): “O cotidiano das jovens no interior dessas escolas, é como o cotidiano de qualquer instituição escolar, planejado e controlado. Seus movimentos e suas ações são distribuídos em espaços e tempos regulados e reguladores”. Como é possível observar na próxima imagem, que a visão dos corredores para o pátio é mais ampla.

Figura 50 - Corredores ao redor do pátio



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 51 - Capela



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 52 – Imagem de São Francisco



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 53 - Corredor interno



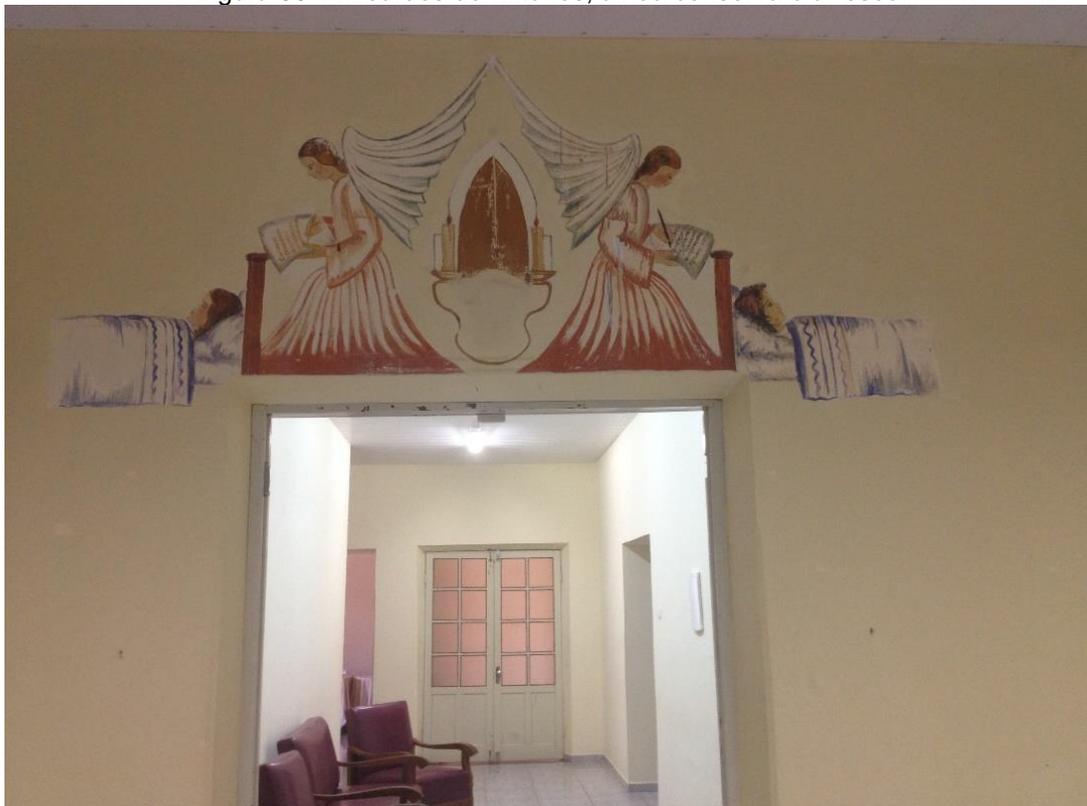
Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 54 - Sala de aula, a única que ainda preserva o piso original de madeira



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 55 – Área dos dormitórios, ainda conserva o afresco



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Nesse recinto, onde era os dormitórios, é possível ver pela organização, que os quartos eram protegidos por uma antessala, separando os dormitórios dos demais ambientes. Percebo aqui um espaço reservado e protegido, ou seria controlado e vigiado? A imagem do afresco remete a proteção divina, com os anjos velando o sono das meninas.

3.3 NOVOS OLHARES E OS LIMITES DA PESQUISA

Mais uma vez rumo ao campo de pesquisa, Triunfo, em julho de 2019. Planejamento e roteiro em mãos, que de novo toma rumo próprio me conduzindo por caminhos entrelaçados, que horas atam e horas desatam. Novos encontros aconteceram, agregando mais dados relevantes. Entre eles, relatos vivos e imagens, mas nenhum documental, estes foram apagados pelo tempo e pelo descuido dos que tiveram como missão administrar a instituição até o seu encerramento.

Segundo relatos de ex-alunas, o fechamento da escola gerou comoção e tristeza. Com o encerramento das atividades era necessário reorganizar o espaço e se desfazer do que se julgava na época, desnecessário ou excedente. Era preciso entregar ao órgão responsável pela educação no Estado, no caso a GRE de Afogados da Ingazeira, toda a documentação da escola, entre elas, atas de presença, cadernetas, relatórios entre outros. Também era preciso devolver o prédio a Arquidiocese de Afogados da Ingazeira, como se havia firmado acordo no momento em que o prédio foi doado, em 1944 a pedido dos moradores de Triunfo por meio de abaixo assinado, para a fundação do Stella Maris. O acordo previa que caso o colégio viesse a fechar, o prédio deveria ser entregue à Diocese, sem ônus, para as Irmãs Franciscanas, conforme, Batista, Pereira, Oliveira e Wener (2008). Naquele triste momento, algumas das irmãs fundadoras, não atuavam mais na administração.

Ao ouvir as falas entristecidas das ex-alunas sobre esse fato, não pude deixar de lembrar da música “Pedaço de Mim”, de Chico Buarque, no trecho que diz:

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade arrancada de mim
 Leva o vulto teu
 Que a saudade é o revés de um parto
 A saudade é arrumar o quarto
 Do filho que já morreu...
 (BUARQUE, 1979)

Falavam como se tivessem perdido alguém importante, perdido as próprias referências, as memórias, as lembranças. Falavam com pesar e se pudessem teriam resgatado e guardado algo para si, algum objeto mesmo o mais simples que fosse, desde que trouxessem alguma lembrança do Stella Maris, das aulas que tanto amavam.

Sobre elementos perdidos que evocam a memória, trago com Bossi o pensamento: “ A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos [...] A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujo fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos.” (BOSI, 1994, p . 90).

Decidi então reunir nesse trecho algumas falas emocionadas de duas dessas mulheres. Antônia:

“Gostava, gostava muito, por sinal, quando fecharam o Stella Maris, eu, é... eu soube assim... deram um fim, né? As coisas de irmã Gamalberta, e eu fiquei muito triste assim, porque eu queria para mim, né? Para eu continuar fazendo minhas coisas, eu fiquei muito triste.” “...só saudade do Stella Maris, lamento, muito assim terem fechado... não era para ter sido fechado... era para ter continuado na sua missão de educar, ...sabemos que as freiras foram embora, que as freiras foram verdadeiros baluartes na educação triunfense... a missão delas, elas cumpriram com muita dignidade, com muito amor, mas, infelizmente, fecharam as portas do Stella Maris, né? Hoje lá é uma pousada.” “Mas eu gostava, eu amava e amo o Stella Maris, eu acho que quem passou pelo Stella Maris tem assim, essas grandes marcas, marcas da educação que recebeu, ... marcas assim, de leves, que jamais se apagarão”. “O Stella Maris ficou na vida da gente e não sai, não, viu? (rindo), de jeito nenhum, é muito amor por aquele Stella Maris, a última vez que eu fui no Stella Maris eu chorei tanto! Tanto, tanto... tão abandonada, tudo tão seco, tão sem alma, tão se vida, entendeu? E a gente chorou muito. (Antônia)

Joselita, referindo-se ao material que foi jogado fora:

“Esse material, mesmo, de trabalho, era para eles terem oferecido, tinha comprado, eu mesma tinha comprado”. Sobre o fechamento fala: “Teve uma colega que disse que se soubesse que ia fechar... dependendo dela, tinha até deixado o trabalho, em Recife, para vir trabalhar aqui sem receber”. (Joselita)

Portanto, devido ao fechamento do colégio, não localizei mais vestígios documentais sobre as aulas de Trabalhos Manuais do Stella Maris. No entanto, as narrativas das entrevistadas me deram um suporte imaterial rico proporcionando uma pesquisa repleta de memórias afetivas e imagens da estética do feminino tão presente em seus lares.

Percebi nessa busca, que as experiências de vida relatadas por suas participantes, podem muito bem responder às expectativas dos resultados da pesquisa, sem necessariamente recorrer a registros documentais. Nesse ponto trago à reflexão a fala de Bosi (1994): “A arte da narração, não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência dos que o escutam.” (BOSI, 1994, p. 85).

Na tentativa de obter materiais por outras fontes, procurei Diana Rodrigues, uma vez que ela foi organizadora do Memorial Stella Maris. No entanto, ela não possui em sua coleção pessoal, nada referente as aulas de Trabalhos Manuais ou das exposições que eram realizadas ao final do ano letivo. Sobre as exposições, segundo relembra, não existiam registros de divulgação como notas em jornal, cartazes, ou convites, estes eram feitos pelas próprias alunas, professoras e cidadãos, no “boca a boca”. Era um evento corriqueiro na cidade, já conhecido por toda sociedade.

Dentre as visitas orientadas por Diana Rodrigues fui ao Memorial Stella Maris, que já contava com um acervo bem significativo sobre o colégio. São álbuns de fotografias de formandas delicadamente decorado com pinturas realizadas pela Madre da Glória, professora de pintura do colégio. Tinha ainda uma tricotadeira manual, fotografias das freiras, dos alunos, entre diversos outros objetos. Uma parte desse material foi doado por ex-alunas(os). O acervo, na realidade, ainda estava sendo montado, organizado e catalogado.

Figura 56 - Memorial Stella Maris, no prédio anexo do Lar Santa Elizabeth



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Figura 57 - Tricotadeira manual, acervo do Memorial Stella Maris



Fonte: Veruschka Greenhalgh

Com tudo isso me deparo, com uma situação a que muitos pesquisadores também encontram. Onde parar? Quando parar?

A pesquisa flui, parece não ter fim, quando busca seus elementos em narrativas pessoais, não se esgota, a cada encontro novas histórias se entrelaçam, a cada visita uma nova imagem, uma nova informação, e esse fio vai desenrolando, desenrolando, como um imenso novelo. É assim que me vejo em meio a essa trama de informações, de depoimentos e de relatos. Uma sede de querer falar de tudo, de contar todas as histórias. Todas para mim são especiais, mas percebo a necessidade de selecionar o que é mais relevante. Por essa razão, estipulei não apenas trazer as falas das ex-alunas artesãs, mas também as contribuições de outras mulheres que me ajudaram a recontar a história das feitura com linhas das aulas de Trabalhos Manuais do Colégio Stella Maris.

3.4 PROCURANDO SENTIDOS: ENTRE LINHAS E NARRATIVAS

Como Teseu, segurando firme a ponta de um fio e entrando no grande labirinto, que é o universo da pesquisa, me aventuro em busca de conhecer o entrelaçamento das pessoas com as linhas. Em que momento, estas passam a ser manipuladas e

ressignificadas, transformando-se em vestimentas para o corpo e para a casa. Sem soltar o fio, percorro rapidamente entre os limites do labirinto para não me perder. Não me aprofundo para evitar me deparar com o monstro da incerteza e do fracasso (o Minotauro). Trago dessa jornada apenas pequenos fragmentos do que vi sobre as linhas transformadas pelas mãos humanas.

As feitura com linhas é bem antiga, acompanhando a humanidade desde os tempos primórdios. Não vou me adentrar em detalhes, pois não é o foco de meu estudo e isso me levaria para um outro caminho. Em breve pesquisa por diversos sites disponíveis na internet sobre bordado, crochê e tricô, encontrei artigos que datam o bordado desde a pré-história, com nossos ancestrais habitantes das cavernas, e daí atravessou os tempos, transitando por diversas culturas e incorporado por diversos povos até chegar nos tempos atuais. Semelhantemente, o mesmo caminho foi percorrido pelo crochê e pelo tricô, tendo este último como mais recente, por volta 1.000 a.C.

Seja como for, a arte com as linhas sempre esteve presente na formação cultural e social dos povos. Cada um imprimindo suas características e formando suas identidades.

O auge dessas técnicas, no formato conhecido, hoje, se deu por volta do ano de 1800, na Europa e espalhou-se pelo mundo. Esses tiveram seus momentos de glória, e de desprezo. Entraram e saíram de moda incontáveis vezes. Já transitaram entre o fino e o chique, do cafona ao ultrapassado. Vestiram nobrezas, vestiram casas e palácios. Produzidas por mulheres e homens, em algumas culturas uma feitura exclusiva dos homens. Contudo, por outro lado, durante muito tempo a arte com as linhas foi identificada como uma arte feminina, possivelmente como uma forma de aprisionamento, pois representava o universo do lar, o espaço recluso reservado e exclusivo da mulher em seu papel social.

Atualmente, a feitura com as linhas está em evidência no mundo inteiro, tanto na forma tradicional como peças utilitárias, de decoração e de moda, quanto na arte contemporânea, e em pesquisas acadêmicas, ganhando notoriedade nas mãos de diversas(os) artistas e pesquisadoras(es). Muitos estudos estão sendo desenvolvidos no campo acadêmico, abordando a questão das artes têxteis no Brasil. Como por exemplo, o projeto cultural de Clara Nogueira, “Artesãs Têxteis de Pernambuco” que consiste no mapeamento afetivo das mulheres que trabalham com têxteis, nas

idades de Lagoa do Carro, Passira, Macaparana, Poção e Tacaratu. Sua pesquisa resultou no site “Mulheres que Tecem Pernambuco”², desde 2015.

É aí onde entram em cena as mulheres que tecem memórias em Triunfo. Elas fazem de suas feitura com linhas a razão de viver. E imergem nas profundezas de suas memórias, ativando as lembranças, e fazendo emergir as histórias dos tempos da escola.

Recontar histórias é reviver o passado, rememorar é trazer à tona lembranças adormecidas. O encontro com as ex-alunas do Stella Maris foi exatamente isso, um reencontro com as lembranças e experiências pessoais. Pode-se dizer então que as memórias, mesmo sendo individuais são coletivas, à medida que as histórias de cada pessoa envolvida se entrelaçam. Neste sentido, afirma Halbwachs (2003, p. 51) que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. Assim, a memória coletiva é um conjunto de lembranças individuais. Apesar de estarmos em um determinado grupo compartilhando os mesmos objetivos, construímos uma visão pessoal sobre os fatos vivenciados por todos, tendo como base os elementos comuns a todos os envolvidos.

Como é o caso desta pesquisa, onde as ex-alunas do Stella Maris contam em seus relatos de vida, as lembranças que trazem das aulas de Trabalhos Manuais e como as experiências vividas nesses momentos contribuíram na formação de suas vidas. Pois a experiência se solidifica a partir de várias vivências. Segundo Clandinin e Connelly, a “experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.49). Para os autores a experiência é pessoal e social. O aspecto pessoal envolve os afetos, sentimentos, esperança, desejos e atitudes dos participantes e do pesquisador. Enquanto o aspecto social engloba o ambiente e as pessoas envolvidas.

As narrativas das ex-alunas se assemelham e ao mesmo tempo se distanciam. O ponto de aproximação se percebe nos relatos sobre o processo de escolarização e os aprendizados das feitura com linhas das aulas de trabalhos manuais. Distanciam-se ao tomarem seus próprios rumos na vida e se reaproximam quando declaram o amor pelo trabalho com as linhas e pelo Stella Maris.

² Mulheres que Tecem Pernambuco: < <http://mulheresquetecempe.com.br/> > Aprovado pelo Edital 2015/2016 e pelo Edital 2017/2018 do Fundo de Incentivo à Cultura – FUNCULTURA.

No encontro com essas mulheres realizei as entrevistas. A medida que as perguntas iam sendo feitas senti a necessidade de formular outras, de acordo com o relato pessoal de cada uma delas. Destacando as perguntas principais e comum a todas as entrevistadas, demarcando os pontos de semelhanças e convergência dos discursos.

As perguntas comuns a todas foram: Como era o ensino no colégio no período em que você estudou? Como era as aulas da disciplina de Trabalhos Manuais? Você acredita que a disciplina de Trabalhos Manuais teve importância na sua vida? Do que você aprendeu o que trouxe para a sua produção atual? De sua produção, o que você traz do fazer cotidiano aprendido em casa com a mãe, avós, tias? O que a levou a investir na atividade de artesã? Como você se sente ao produzir suas peças? Você se ver como participante do processo de desenvolvimento cultural econômico e social da cidade?

Não bastou apenas entrevistar, fazer as perguntas que achei pertinentes com a minha pesquisa. Se não estivesse atenta aos movimentos, expressões, gestos e falas das participantes, elementos significativos da relação delas com o objeto de estudo poderiam ter passado despercebidos. Como por exemplo, ao procurar os sentidos que os “fazeres especiais” produzem em suas vidas, as palavras foram pouco para expressar seus sentimentos. Brilhos no olhar, suspiros, sorrisos falaram muito mais.

Desse modo, entrevistar não é apenas despejar perguntas e selecionar apenas o que interessa. Entrevistar é entender que as experiências, pensamentos e ideias do outro sobre um determinado fato ou acontecimento, é o que nos dará suporte para elucidação de nosso objeto de estudo. É o que nos direcionará rumo aos resultados que almejamos. De acordo com Marconi e Lakatos, (1996, p. 84): “A entrevista é um encontro de duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação”. Esse encontro deve se dar num clima de cordialidade e compartilhamento. E foi assim que aconteceu a troca de experiências, vivências e memórias evocadas, entre todas as mulheres envolvidas nesta pesquisa.

4 A RELAÇÃO ENTRE O FAZER ARTÍSTICO E A ESCOLARIZAÇÃO NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

Nas décadas de 1950 e 1960, muitas escolas preservavam o ensino feminino diferenciado e separado do masculino. O foco da educação feminina era produzir um padrão ideal de mulher, voltada para o lar e os afazeres domésticos. Quando muito, para a formação de professoras ou enfermeiras, profissões que se assemelhavam aos cuidados domésticos, como educar e cuidar. Nesta linha de pensamento os currículos eram estruturados com disciplinas que contemplassem noções básicas de economia doméstica, higiene e saúde, puerpério, culinária, boas maneiras, trabalhos manuais, costura entre outras. Além das disciplinas de Matemática, Português, História, Ciências, Geografia, Línguas, Desenho, Pintura, entre outras. No caso dos cursos de magistério e enfermagem, os currículos eram acrescidos das disciplinas específicas de cada área. Dentre as inúmeras disciplinas merece destaque a de Trabalhos Manuais, responsável pelo desenvolvimento estético das ex-alunas do Stella Maris.

O fazer artístico de Antônia, Joselita, Natércia e Socorro, está intimamente ligado ao período em que foram alunas do Colégio Stella Maris. O colégio exerceu forte influência em suas práticas artísticas cotidianas. Essas mulheres guardam na memória, lembranças vívidas do colégio no auge de suas atividades educacionais. Elas elegeram as aulas de Trabalhos Manuais, como uma das matérias mais apreciadas, enfatizando a importância social, cultural e econômica que essas aulas exerceram em suas vidas, tanto na esfera pessoal quanto na profissional.

4.1 A EDUCAÇÃO FEMININA E OS TRABALHOS MANUAIS

Na intenção de contextualizar a minha pesquisa, retomo alguns dados históricos dos caminhos da educação feminina no Brasil no século XX, a partir da reforma Francisco Campos, então ministro do recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública, entre 1930 e 1934, durante o Governo Provisório instaurado com a Revolução de 1930.

Em 1931 foi criado o Conselho Nacional de Educação através do Decreto nº 19.850, de 11 de abril de 1931, que aos poucos “foi adquirindo funções legislativas e de controle minucioso do sistema educacional, que o plano procura preservar e ampliar”. Seu poder de ação se ampliou de tal maneira que podia ser considerado “o

próprio Ministério da Educação, com atribuições ampliadas” (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984. p. 183-184).

Dentre as tantas atribuições do novo ministério, a educação da mulher era uma questão preocupante. Pois, o então ministro Gustavo Capamena, em 1937, defendia a diferenciação dos papéis sociais entre homens e mulheres de forma radical a ponto de promover a separação total dentro do sistema educacional, diferenciando os currículos e aprendizagens para cada um dos sexos. (SCHWARTZMAN;; BOMENY; COSTA, 1984. p. 195).

Nessa linha, o projeto elaborado por Gustavo Capanema, Plano Nacional de Educação de 1937, previa:

A existência de um ensino dito ‘doméstico’, reservado para as meninas entre 12 e 18 anos, e que equivaleria a uma forma de ensino médio feminino. Seu conteúdo era predominantemente prático e profissionalizante, e fazia parte, no plano, do capítulo destinado ao ensino da “cultura de aplicação imediata à vida prática ou ao preparo das profissões técnicas de artífices. (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984, p. 108)

De acordo com Schwartzman, Bomeny e Costa (1984), esse formato era destinado às mulheres pobres, podendo ser ampliado para as de origem social mais elevada. A educação feminina, de acordo com o plano era dividido em doméstico geral (dois ciclos), doméstico agrícola (dois ciclos) e doméstico industrial. A preparação para a vida no lar se daria no primeiro ciclo enquanto o segundo formaria as professoras, que aconteceria na Escola Normal Doméstica. Evidentemente que o currículo era diferenciado para cada função, mas mantendo um básico no primeiro ciclo, que eram os trabalhos domésticos e o ensino de português, matemática elementar, moral familiar, noções de civilidade, ginástica e canto.

Dessa forma, historicamente, verifica-se que as mulheres eram direcionadas às atividades domésticas e excluídas do aprendizado intelectual, filosófico, político, social e econômico. O enfoque era o aprendizado de seu papel de mãe e esposa, por essa razão a educação das meninas se diferenciava da dos meninos, segundo Guacira Louro (2002):

Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos noções de geometria; para as meninas, bordado e costura. (LOURO, 2002, p.444)

Os processos de escolarização da mulher tinham como objetivos preparar as meninas e moças para o casamento e para serem boas companheiras para seus maridos, tanto na intimidade do lar, quanto na representação social da esposa dedicada, boa mãe, letrada, capaz de acompanhar o marido nos eventos sociais.

À mulher cabia o papel de cuidadora, sensível, mãe e o seu lugar, o lar. À mulher era destinada a tarefa de criar os filhos para se tornarem homens e mulheres honrados.

De acordo com Guacira Louro (2002), no século XIX a educação feminina era voltada às práticas e afazeres domésticos. A intenção era reforçar o lugar da mulher, como mãe e esposa. Seja ela no interior do lar, seja ela nas representações sociais. E assim:

As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. [...] Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para essas jovens. (LOURO, 2002, p. 446).

Dessa forma as moças eram educadas, não cabendo a elas atividades intelectuais, profissionais e criativas. Restando-lhes apenas o processo criativo através de suas linhas nos bordados, rendas, etc. Isso quando lhes eram permitido criar e não apenas a seguir modelos pré-estabelecidos.

E assim, até a segunda metade do século XX, por volta da década de 1960 as meninas eram ensinadas a ser e reproduzir o ideário feminino brasileiro que “tinha como características: pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade, generosidade e patriotismo” (NICARETA, 2009, p. 1943). Essas eram as marcas da tradicional formação cultural do feminino, e a escola assumia um papel importante de reforçar essas ideias. Mas, essa formação não era acessível a todas as meninas e moças, apenas as de classes privilegiadas podiam desfrutar do ambiente escolar.

À mulher da sociedade abastada, a educação. Mesmo que com restrições quanto às áreas do conhecimento e intelectualização. Além de uma educação refinada com aulas de piano, pintura e francês. Às de famílias menos privilegiadas, o proletariado. A preparação para o trabalho na crescente industrialização. Para essas, bastava apenas o conhecimento da língua e noções de matemática, que por vezes nem mesmo existia, muitas sequer frequentavam a escola.

No início do século XX, o trabalho feminino já era permitido, mas este tinha que ser uma extensão do seu papel doméstico, a elas eram destinadas às profissões de enfermeira e professora. Diante do rápido desenvolvimento econômico e social, fez surgir a necessidade de investimentos na educação.

No Brasil as escolas eram laicas ou confessionais. Inicialmente as escolas eram masculinas, aos poucos os espaços foram se abrindo às meninas. Porém, com um currículo diferenciado onde se priorizava atividades e ensinamentos voltados aos cuidados do lar e da família. Por essa razão, fez-se necessário a admissão de professoras para orientar a classe de meninas. Mas, para admitir professoras era preciso que tivessem mulheres preparadas para tal ofício. Surge então os cursos de formação para professoras, que nesse caso também tinha um currículo diferenciado. Portanto, o processo de escolarização das mulheres visava também a formação de professoras porque era a atividade profissional que mais as aproximavam de seu lugar de mãe.

Essa foi uma das prioridades do Colégio Stella Maris que formou gerações de educadoras, entre as meninas de Triunfo e de outras cidades da região ao longo de seus quase 65 anos de atividade. Dentre elas as que apresento nesta pesquisa.

4.1.1 Trabalhos manuais como preparação para a vida feminina

Como explanei anteriormente, o processo de escolarização das mulheres inicialmente estava voltado a preparação para a vida feminina, para o lar. Posteriormente, abrangeu a formação para o magistério primário, devido ao seu papel de mãe e cuidadora. Tais funções as habilitariam à função de educadoras. Nessa perspectiva aponta, Louro (2002):

[...] Afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. (LOURO, 2002, p. 450)

Dentro dessa proposta o Stella Maris formou gerações de professoras, entre elas Antônia, Natércia, Socorro e Joselita, algumas assumiram a profissão de

professora primária. Essas meninas, hoje com idades entre 70 e 80 anos, trazem em seus relatos as memórias das aulas de Trabalhos Manuais.

Essas mulheres reconhecem a importância desse aprendizado para suas vidas, como relatam a seguir.

Antônia afirma que saiu do colégio com muitas experiências em trabalhos manuais mas que só veio descobrir mesmo sua “*vocação*” depois que se casou: *“comecei a ter interesse nas revistas do Stella Maris, a ver interesse nas coisas que eu aprendi no Stella Maris que foi assim, muito, muito importante na minha vida”*. (Antônia)

A relação com o pôr em prática o que aprendeu na escola com o casamento, me trouxe à reflexão as questões sobre identidade de gênero, uma vez que a educação feminina exerceu forte influência na determinação dos papéis da mulher e do homem na sociedade:

Historicamente verifica-se que as mulheres eram absorvidas principalmente em ações domésticas devido ao seu papel de mãe. Suas atividades econômicas e políticas são restringidas pelas responsabilidades nos cuidados com a prole, o enfoque de suas emoções e atenções é particularmente voltado para os filhos e para a preservação de um ambiente harmonioso no seu lar, em qualquer circunstância. (NICARETA; NASCIMENTO, 2009, p. 217)

Não era o caso de Antônia que trabalhava e tinha formação de nível superior. Apesar dela ter estudado na segunda metade do século XX, ainda era comum nas escolas confessionais manter o mesmo formato da disciplina de Trabalhos Manuais. No entanto, no Stella Maris nessa época, as moças também eram incentivadas a aprender trabalhos com linhas com o objetivo comercial, segundo relatos de ex-alunas.

Segundo a própria Antônia, tudo o que ela sabe do fazer artístico com as linhas ela aprendeu na escola. Considera os bordados e crochês como uma arte, um fazer criativo e estético:

“Eu trouxe do Stella Maris, as minhas primeiras experiências do Stella Maris, e depois eu própria comprei muita revista, muitos livros, e dali comecei a tirar minhas amostras, comecei a criar minhas próprias, meus próprios trabalhos. [...] tudo que eu recebi, todos os ensinamentos que eu recebi do Stella Maris, com as mães da, da, dos trabalhos manuais, e com todas as freiras, e com todas as irmãs, foram assim, digamos, minha base, minha base para hoje, tudo que eu sou, tudo o que eu tenho em questão de aprendizagem agradeço primeiramente aos meus pais, né? Que me colocaram naquela época em escola particular, e segundo às freiras do meu querido e inesquecível Stella Maris, que eu amo de paixão.” (Antônia)

Sobre a preparação para a vida, Socorro relembra de como o currículo escolar da época em que estudou era estruturado, a fim de proporcionar às estudantes os conhecimentos que levariam para toda vida:

“...tinha outras aulas, português, que a a gente gostava, né? gostava de trabalho manual, mas a gente tinha outras aulas boas, tinha pedagogia, metodologia, que a professora era muito, muito boa mesmo, a gente se empolgava, né? principalmente o magistério, tinha que, a gente gostava, só nunca gostei muito de matemática... lembro de ainda que a gente tinha a professora de arte que é Madre da Glória, né? Que ela pintava muito bem, nunca aprendi, nunca tive aquela, maneio, jeito para a pintura, né? Que ela ensinava desenho, e pintura, fazia quadros, muito bonitos, de arte... É, trabalho manual era uma aula e artes era outra aula, tinha economia doméstica, já era com outra professora, ela ensinava, assim, como cortar, como colocar a mesa, tá tá tá, aquelas coisas de culinária, aprendi alguma coisa, assim, aquelas comida, já era outra aula, né?” (Socorro)

As aulas de arte culinária eram ministradas por Irmã Jerônima que ensinou para as alunas do Stella Maris entre tantas receitas a dos biscoitos Nicolau, que hoje é bastante produzido e comercializado na cidade, conhecido e apreciado por turistas conferindo aos biscoitos uma identidade da gastronomia triunfense.

De acordo com Socorrinho essa diversidade de disciplinas era para formar bem as moças da cidade, para que tivessem um futuro melhor, e afirma: *“para a gente saber de tudo, né?”* (Socorro). Essa afirmação também foi feita pelas outras entrevistadas, deixando claro que a intenção das irmãs franciscanas não era apenas a de passar conteúdos, de formar professoras, e as freiras no convento. Mas de formar mulheres habilitadas a assumir qualquer papel na sociedade. As ex-alunas do Stella Maris são mães de família, professoras, artesãs, empreendedoras, comerciantes...

Socorro conta entusiasmada que tudo o que sabe fazer com as linhas aprendeu na escola e foi aperfeiçoando em casa: *“eu faço tricô, crochê, vagonite, ponto cruz, e fuxico. E completa dizendo que gostava bastante das aulas de trabalhos manuais, e que traz até hoje os aprendizados, comenta: “Gostava, gostava que eu sempre gostei de fazer alguma coisa, além de casa mesmo, quando eu tava no colégio eu sempre pegava uns paninho, aqueles pontinhos que eu via os outros fazendo, aí quando eu chegava no colégio aperfeiçoei para fazer, né?”* (Socorro)

Segundo D. Natércia, a irmã Gamalberta defendia que o aprendizado nas aulas de trabalhos manuais era muito importante para a formação das moças como um todo. Tanto para a vida pessoal quanto profissional. Os ensinamentos das freiras nesse sentido, visava não apenas formar mulheres prendadas para o lar, mas também

artesãs que pudessem sustentar suas famílias com sua produção. Sustenta esse pensamento:

“Para preparação para vida, como mãe, fazer seus enxovais, se, quem tivesse necessidade de bordar para financeiramente, sabia alguma coisa, eu não imaginava eu ia precisar, que ia fazer isso na minha vida, naquela época não, era outro sonhos, depois que me aposentei, comecei fazendo, aí juntou o útil ao agradável, eu me sinto muito realizada”. (Natércia)

Para D. Natércia o que aprendeu na escola teve uma importância significativa na sua vida, porque hoje tudo o que produz aprendeu na escola. Se atualmente tem uma loja e é reconhecida na cidade e pelos turistas pelo seu trabalho, foi graças ao que aprendeu e se dedicou a aperfeiçoar. Por essa razão é enfática em dizer sobre a importância do aprendizado na escola:

“Muuuuito, demais até, porque hoje eu sou viúva, tenho 6 filhos, mora todos fora, eu não me adapto na cidade grande, o meu cantinho é esse, enquanto dá para viver, então meu entretenimento é esse, trabalho dia e tarde tricotando, fazendo essas coisas”. (Natércia)

Em suas lembranças, não recorda de ter aprendido a fazer algum trabalho com a mãe ou com a avó, mas se lembra muito bem de como ficava fascinada vendo a avó fazendo crochê. Mas, veio aprender mesmo com umas primas que sempre visitavam o sítio onde morava com a família e depois na escola.

“Minha avó sabia fazer crochê, e eu ficava ali juntinho dela, pirralhinha, pequenininha, louca para fazer, mas mamãe não me dava uma agulha porque tinha medo que furasse o olho, que num sei o que, e, mas eu ficava atenta, olhando, pegava palitos e começava, querendo fazer a trancinha e ia. E depois minhas primas estudavam aqui no Stella Maris, elas moravam aqui na cidade e iam para o sítio, que eu morava lá, tempo de criancinha, e lá elas ficavam fazendo tricô, levava aquelas revistas, do Stella Maris mesmo a revista, e eu tentava, sempre levei jeito e sempre quis aprender, né? E elas tentavam me ensinar, mas eu era muito criança, depois elas compraram no colégio mesmo vendiam o material, elas compraram as agulhas de tricô pequena que levaram para mim, para mim foi a maior festa receber aquelas agulhas, aí elas começaram me ensinando, os primeiros, Os pontinhos básicos, dali eu fui fazer camisinha de boneca, de tricô e com uns 6, 7 anos já fazia casaquinho. Aí depois terminei o curso, me casei, nem pensava que ia bordar nem fazer nada, não tinha tempo também, depois que me aposentei comecei...” (Natércia)

A memória de Natércia foi buscar na infância as referências da sua relação afetiva com as linhas, e de como foi sendo aprimorada com o tempo. Experiências ainda vivas em sua memória. Conforme afirmação de Bosi (1994):

Uma forte impressão que esse conjunto de lembranças nos deixa é a divisão de tempo que nelas se opera. A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés [...] O território da juventude já é transposto com o passo mais desembaraçado [...] A idade madura com passo largo [...] Chama-nos atenção com qual igual força de sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marco, pontos onde a significação da vida se concentra. (BOSI, 1994, p. 415)

Portanto, reconhece como foi fundamental a “preparação para a vida”, que vivenciou na escola.

Da mesma forma, Joselita reitera dizendo: *“Eu aprendi muita coisa ali do Stella Maris, até hoje eu ainda carrego comigo palavras, saber? Conselhos... Tudo!”*, *“eu devo o que sou ao Stella Maris!”* (Joselita). Sobre os ensinamentos práticos lembra: *“Ela ensinou até como consertar meia! Para quem não podia comprar”* (Joselita). E completou afirmando que: *“mas muitas pessoas, estão onde estão, deve ao Stella Maris”* (Joselita), se referindo a ex-alunas(os).

Ao reafirmarem que as atividades que aprenderam e desenvolveram nas aulas de Trabalhos Manuais tiveram impacto em suas vidas, confirmam o que as irmãs Franciscanas defendiam: “uma educação para a vida como um todo”. Pois, preparava as moças do Stella Maris para o lar, para o magistério e para a vida profissional. Nenhuma aluna saiu do colégio sem saber fazer ao menos uma peça de bordado, crochê, tricô ou outro tipo de fazer artístico.

4.1.2 Escolarização privilegiando classe social

Ao pesquisar sobre o desenvolvimento da educação no Brasil, nos deparamos com a triste realidade de que o direito a instrução não contemplava toda sociedade, e que o acesso as instituições de ensino, destinava-se as elites. Em Romanelli (2005), podemos ver claramente essa situação:

A forma como foi feita a colonização das terras brasileiras e, mais, a evolução da distribuição do solo, da estratificação social, do controle do poder político, aliadas ao uso de modelos importados de cultura letrada, condicionaram a evolução da educação escolar brasileira. A necessidade de manter os desníveis sociais teve, desde então, na educação escolar, um instrumento de reforço das desigualdades. Nesse sentido, a função da escola foi a de ajudar a manter privilégios de classes, apresentando-se ela mesma como uma forma de privilégio, quando se utilizou de mecanismos de seleção escolar e de um conteúdo cultural que não foi capaz de propiciar às diversas camadas sociais

sequer uma preparação eficaz para o trabalho [...] (ROMANELLI, 2005, p. 23, 24)

Desse modo, o acesso à educação era restrito a uma elite. Mas, ao longo dos anos essa realidade foi gradativamente se modificando através das políticas públicas de educação, nos diversos contextos políticos. Apesar das muitas conquistas, ainda temos muito o que avançar em melhorias no sistema público de ensino, no acesso às Universidades e a extensão do ensino técnico.

O Colégio Stella Maris era uma instituição privada frequentada pelas moças de classe média e alta da cidade e região. Funcionava também como internato, para as moças de outras cidades vizinhas. As alunas eram filhas de comerciantes, políticos, membros do judiciário, médicos, funcionários públicos e fazendeiros.

Com olhar voltado também para a população pobre das periferias e dos sítios, as irmãs fundaram várias obras sociais voltadas a educação de crianças e jovens e seus familiares. Instituições que ainda sobrevivem graças a donativos de benfeitores da Alemanha, segundo Batista, Pereira, Oliveira e Wener (2008).

Para as meninas da elite, a escolarização; para as meninas pobres, o trabalho. Em conformidade com Louro (2002):

[...] não se pode esquecer que, de um lado geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, nos cuidados dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas. (LOURO, 2002, p. 445)

As entrevistadas reconhecem que tiveram uma educação privilegiada, por serem oriundas de famílias de classe média.

Antônia em seu discurso não fala diretamente sobre a questão desse privilégio apenas se refere em agradecimento aos seus pais por terem lhe proporcionado um ensino de qualidade numa instituição privada: “...*agradeço primeiramente aos meus pais, né? Que me colocaram naquela época em escola particular...*” (Antônia). Reconhecendo então a representação social de uma escola privada.

Joselita relata que a escola era paga, que apesar de seu pai ser comerciante pagava com dificuldade as mensalidades, relembra: “*agora meu pai, ele não tinha essas condições, mas fez de tudo para a gente estudar lá*”. (Joselita)

E continua seu relato trazendo a lembrança de uma história de amizade e confiança entre seu pai e as freiras, por ocasião de tensões provocadas durante o período da 2ª Guerra e pós-guerra:

"Elas gostavam muito do meu pai, elas chegaram aqui meu pai deu muito apoio, sabe? Até no livro tem dizendo, tinham medo, porque como foi no tempo da guerra, e como elas fossem da Alemanha, aí eles queriam como se fosse botar para fora, aí meu pai sempre tava no meio... A diretora mandava chamar meu pai, pedir conselho, como fazer as coisas". (Joselita)

Percebe-se nesse fato uma aproximação entre a família e a direção da escola, uma relação de apoio e confiança.

Já Natércia e Socorro, não comentaram sobre a questão da acessibilidade social na escola.

O que é comum em todas elas é que são brancas e filhas de classe média. Portanto, puderam usufruir de um ensino privado e diferenciado das moças pobres e dos sítios, que estudavam nas escolas públicas e rurais administradas pelo Estado e Município. Havia também o Convento Stella Maris, localizado no mesmo espaço do colégio, que recebia as moças de diversas classes sociais da cidade e região, onde também recebiam os ensinamentos religiosos.

4.2 APRENDIZAGEM DOS TRABALHOS MANUAIS

Os Trabalhos Manuais, eram direcionados às meninas e moças com o intuito de prepará-las para a vida doméstica e profissional. O manejo com as agulhas e linhas na produção de bordados, crochê e tricô, era o foco das atenções das professoras e alunas que dedicavam horas incansáveis na busca da perfeição. A atenção dada a tal disciplina era tamanha que percebi nos seus discursos, a predileção pelas aulas de Trabalhos Manuais. Talvez seja pelo fato dos trabalhos que produzem hoje representarem efetivamente o de mais concreto que trouxeram dos tempos de escola. Ou porque foi o aprendizado que trouxe mais sentido para suas vidas, pois é o que elas ainda recriam e reproduzem. Seja como for, é sem sombra de dúvidas o que mais sentem prazer em recordar.

Joselita relembra que as aulas de Trabalhos Manuais aconteciam uma vez por semana com 40 min. de duração, para ela o tempo era suficiente para aprender. Era uma disciplina obrigatória, era pontuada e tinha provas.

De acordo com as lembranças de Antônia. A metodologia consistia introduzir gradativamente as complexidades de cada técnica trabalhada. Iniciava com pontos básicos, tanto no bordado como nas outras atividades, partindo para pontos mais difíceis, de acordo com o desenvolvimento das aprendizes. Antônia contou que as alunas tiravam os modelos das amostras de bordados e crochê das revistas que vinham da Alemanha. Ela lembra alguns dos primeiros pontos que aprendeu, demonstrando satisfação por cada ponto recordado: *“Quanto aos bordados, naquela época tínhamos o que hoje chama bordado da vovó, ponto cheio, ponto haste, ponto cruz, ponta trás, ponta estrelinha, ponto areais, e o crochê, seguindo as orientações das irmãs”*. (Antônia)

De acordo com Socorro, as aulas de Trabalhos Manuais ocorriam numa sala diferente das salas de aula, cada turma tinha o seu horário que era o mesmo tempo que as outras aulas.

“A gente ficava numa sala grande assim, com uns bancos, diferente das bancas, era um banco comprido e a gente ficava lá fazendo, a irmã na frente, ensinando, e quando a gente tinha alguma dúvida ia lá, aí primeiro você fazia todas as amostrinhas, para depois fazer o álbum, depois no final do ano tinha que ter o álbum pronto e fazer a exposição dos trabalhos que foi feito”. (Socorro)

De acordo com Socorro, as irmãs ensinavam todos os pontos e vai aos poucos relembando de cada técnica ensinada:

“Tudo, todos os pontos, ponto cruz, pontajú como a gente fazia, pontajú, ponto de cruz, ponto cheio, vagonite, crochê, tricô e... outros pontos lá”. [...] Tapeçaria também fazia, tapeçaria, tem também um, um, que elas ensinaram a gente que era Tenerif, que era umas rodinhas de, de, com os alfinetes, e a gente ficava enrolando as linhas de um lado para o outro e fazia aquelas amostrinhas que chamava de Tenerif, mas hoje mesmo eu não sei fazer mais não”. (Socorro)

Questionei a ela sobre a organização da disciplina, dos planejamentos das aulas, uma vez que não foi possível, durante o levantamento de dados, localizar documentos, atas ou registros sobre as aulas. O que me foi apresentado, partiu dos memórias e narrativas das ex-alunas.

O que levantei através dos relatos foi que, no período que delimito para a pesquisa, entre as décadas de 1950 e 1960, a disciplina de Trabalhos Manuais contou apenas com uma professora, a Irmã Gamalberta, alemã que enfrentou e venceu a barreira da comunicação, por causa da diferença das línguas.

Fato expresso por Socorro:

“Era alemã, Irmã Gamalberta, ela era alemã, quando ela chegou, quando ela começou a vir aqui, nem entendia a, a voz dela, era preciso tá uma outra freira, né? Traduzindo o que ela falava, que ela falava muito embolado, né? Embolado, né? Como a gente diz. Aí precisava outra freira para a gente poder entender, como uma tradutora né?”

A professora possivelmente fazia suas anotações em algum tipo de caderneta, pois as entrevistadas não se recordam desses detalhes. Também nenhuma tinha o conhecimento na época de algum tipo de planejamento das aulas. Segundo Socorro, as freiras eram tão organizadas que certamente faziam suas anotações uma vez que a disciplina era pontuada e as alunas recebiam suas notas.

Da mesma forma, Antônia não se recorda se existia algum caderno de planejamento das aulas, tinha um caderninho onde fazia a chamada, recorda:

“... o caderninho que ela tinha, era o caderninho de fazer chamadas, o diário naquela época, o diário de classe, né? Por sinal o meu número era, que eu era Antônia Paiva da Silva, meu nome era 4 no caderninho dela, e ela pegava muito no meu pé que eu era preguiçosa, mas hoje eu não sou mais não. [...] Minha marca era, A4, eu era 4, porque antes de mim tinha 3 com a letra A.”
(Antônia)

De acordo com o relato de Natércia, a cada ano as alunas aprendiam uma técnica diferente:

“A cada ano, a gente e tinha que terminar trabalho, trabalhava o primeiro ano com bordado, cada uma tinha que fazer um vestido bordado que era de... deixa eu lembrar o nome, vagonite, então a gente passava o ano todinho para fazer aquele vestido, no ano seguinte a gente veio aprender a fazer bordados nos vestidos, aprendia o bordado cheio, fazia um ‘alunzinho’ coma mostra, bordado cheio, rechilier, ponto cruz, todos esses pontos, casear, e... outro não via o crochê, outro via o tricô, e assim a gente se preparava com tudo”.
(Natércia)

O se preparar para tudo significava a preparação para a vida. Por essa razão o currículo do Stella Maris era tão diversificado, como relembra Natércia:

“No geral eram cinco aulas, sempre a última, trabalho manual a tarde. Eu tinha dúvida eu voltava para lá, para a freira me orientar, assim, crochê, principalmente crochê, tricô, às vezes eu passava a tarde lá com elas... [...] tive professoras brasileiras e alemãs, alemã eu tive a superiora que me ensinou economia doméstica, teve irmã Benícia, na aula de latim, Irmã Caroline no ciência, matemática, Irmã Delhelmann, matemática, e português eu tive... Irmã (inauditível), Brasileira, e... Madre da Glória que ainda está viva, [...] uma casa de repouso em aldeia, né? Ela ensinava desenho. Tinha, desenho também era uma disciplina. Desenho e caderno. Tipos de desenhos

elas às vezes desenhava no quadro para a gente reproduzir, às vezes dava um cartãozinho para gente ir.. e letreiro, letreiro...” (D. Natércia)

Fazia parte também do currículo da escola as aulas de pintura com a Madre da Glória. Aulas de violão, piano, e sanfona. *“Pintura era na sala de aula, não na sala de trabalho manual”*, comentou Joselita.

Portanto, a disciplina de Trabalhos Manuais teve uma função relevante na formação das moças no Colégio Stella Maris. Representava na época, um aprendizado sólido e com possibilidades de inserção na sociedade, seja como professora, seja como artista, seja como dona de casa.

4.2.1 Rigor, primor na feitura de várias técnicas

Começar... errar... desmanchar... recomeçar.. fazer de novo...

Essa era a rotina das meninas e moças do Stella Maris. A Irmã Gamalberta orientava, as vezes fazia até os riscos dos bordados, mas era exigente na feitura. Não admitia erros, pontos mal feitos, peças mal-acabadas, pontos desencontrados e trabalhos sujos. Sua intenção era que as alunas aprendessem a fazer sempre o melhor, isso iria lhes proporcionar o sucesso, daria visibilidade aos seus trabalhos, segundo depoimentos das ex-alunas.

Em consonância com o que Louro (1997) afirma sobre o processo de aprendizado das alunas dentro do contexto da educação feminina até meados do século XX:

As escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo “jovens prendadas”, capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura. As marcas da escolarização se inscreviam, assim, nos corpos dos sujeitos. (LOURO, 1997, p.62).

A primazia técnica se configurava como pré-requisito para a aprovação na disciplina de Trabalhos Manuais e na vida. Pois, a perfeição dos trabalhos era determinante para o sucesso da aluna, seja como dona de casa ou como artesã.

Antônia relata o quanto as Irmãs eram exigentes, principalmente a alemã Gamalberta: *“certa vez assim, eu fiz uma casa, de botão, né? Mal feito, ela me fez repetir três vezes, até que eu acertei. [...] elas não admitiam que nós errássemos um pontinho, se nós errássemos um pontinho ela desmanchava quase todo o trabalho”*. (Antônia)

Questionei se ela se sentia incomodada com as repetições das atividades. Ela respondeu que às vezes ficava chateada, mas tem consciência que isso resultou na excelente qualidade dos trabalhos que ainda realiza e até agradece as irmãs por terem exigido tanto dela. Relembra, com uma expressão mais séria:

“Eu era meio danadinha sabe? Eu ficava com uma raiva, brigava, mas fazer o quê? Naquela época, no Stella Maris, tinha que ser como elas queriam, muito diferente da educação hoje, né? Naquela época você tinha que seguir os ditames da disciplina de lá, você não podia sair de linha meio metro que a briga era feia. [...] Valia a pena, valeu, valeu...” (Antônia)

Já Socorro não entrou muito na questão do rigor da professora, lembrando um fato corriqueiro, mas que era severamente punido: *“a gente tinha nota no trabalho manual, né? A gente tinha nota e elas, tinha menina que não sabia fazer ponto de casear, aí pagava a vizinha para ficar fazendo na vizinha, quando ela pegava, aí... a nota ia lá para baixo”*. (Socorro)

Natércia também comentou rapidamente sobre as exigências da Irmã Gamalberta, enfatizando que ela olhava o avesso dos bordados para ver se estava bem feito e desmanchava os pontos do crochê caso encontrasse algum ponto errado.

Joselita recordou que a feitura que mais se identificou foi o tricô artístico, técnica que precisa de várias agulhas circulares sendo manuseadas ao mesmo tempo. Requer muita atenção e habilidade. Ela chegava a usar cinco agulhas de uma só vez. Comenta sobre o trabalho: *“Se você errar um ponto tem que desmanchar até chegar naquele ponto e aí começava tudo de novo”* (Joselita).

Confessou que se sentia incapaz de realizar esse trabalho hoje em dia, devido a falta de edições de revistas, com os pontos em português. Admitiu não pode criar os próprios pontos, pois têm que seguir um modelo já preestabelecido. Por essa razão, não faz mais nenhum trabalho com as linhas e completa: *“agora eu só queria encontrar em português”* (Ao mostrar revista). Apesar de não produzir mais, tem em seu acervo várias toalhas e colchas, é um belíssimo trabalho, de uma delicadeza surpreendente.

Mesmo com todo o aborrecimento do “desmancha e recomeça”, as ex-alunas reconhecem que foi importante a cobrança das Irmãs. Uma vez que tal exigência de um olhar mais cuidadoso, conferiu às suas feituas mais qualidade, primor técnico e um perfeito acabamento.

4.2.2 Exposição final

“A linha do tempo passou, o ano terminou! Depois de tanta dedicação é hora de mostrar o que aprenderam! Preparem os álbuns! Lavem e engomem os bordados, e não esqueçam de perfumá-los. Tudo tem que ficar bonito, tem que ficar perfeito! Vamos meninas!” (Veruschka. Fala fictícia, baseada nos relatos das ex-alunas.)

É possível até imaginar todo esse movimento no final de cada ano letivo, nos preparativos para organização e montagem das exposições dos trabalhos manuais, onde eram apresentados às famílias e a sociedade o que as alunas produziram ao longo do ano. Era um evento corriqueiro da cidade, muito bem frequentado. Dalí, segundo comentário de alguns moradores, muitas moças recebiam encomendas e vendiam seus trabalhos, mas toda essa transação de comercialização ocorria fora do ambiente escolar.

De acordo com Socorro as exposições aconteciam no final do ano, onde eram apresentados os trabalhos realizados pelas alunas do Stella Maris, na disciplina de Trabalhos Manuais. Apresentavam tanto as peças prontas quanto os estudos organizados em álbuns com os modelos de tudo o que aprenderam durante o ano. Segundo todas as entrevistadas, era uma exigência das professoras, que avaliavam a organização dos álbuns, limpeza, precisão dos pontos tanto nos bordados quanto nas técnicas do tricô, crochê e tapeçaria. Tudo deveria está organizado seguindo a sequência em que foi trabalhado.

Socorro descreve as exposições como um grande evento da escola, um momento esperado por todos, uma festa.

“As exposições eram muito bonitas, as freiras ficavam assim organizando semanas, aquelas salas organizando, para... que o povo fosse olhar, os pais dos alunos, os alunos, que assim, você tava numa classe, não sabia o que a outra classe tava fazendo, né? Aí a gente ficava aquela interclasse, ficava ‘O que é que classe tal fez? Qual ficou mais bonito?’ e aquela pessoa fazia como se fosse uma festa, né? organizava a sala, botava flores, até flores, tinha pessoas que aprendiam a fazer flores, tipo... tipo de um plastificado, né? Eu nunca aprendi não, mas elas fazia também. Era aquela expectativa mesmo, ver que o o trabalho da gente agradou o povo mesmo, que a gente ficava assim vendo para saber se agradava o povo” (Socorro)

As exposições eram bem visitadas, de acordo com Socorrinho:

“Muito, cheio, cheio, tudo a gente tinha as horas, elas determinavam de tantas a tantas hora da aula, e era sempre à tarde, que a gente estudava de manhã, aí elas colocavam, de duas às quatro horas, que dava a visitação, muito

bonito, que muitas, muitas meninas faziam e já vendiam ali na hora, já, o pessoal já queria comprar e elas botavam o nomezinho, a menina ficava ali, assim na turminha, no final ficava tomando de conta daquela classe, né? E era muito, muito bonito, muito bonito mesmo, e elas tinham interesse para que as coisas saíssem bem feita, né?” (Socorro)

Durante a exposição ficava também à mostra dos álbuns dos mostruários que as estudantes aprendiam durante o ano.

Socorrinho recorda que: *“Ficava os álbunzinhos lá, assinado, abertos, né? E o pessoal folheava para ver aquelas coisas, né? Folheavam e ficavam cada um, e cada família queria ver da sua filha, né?”.* (Socorro)

Natércia também relembra como eram as exposições:

“Era assim, geral, abria colocava essa exposição para o dia da formatura, aí naquele dia da formatura ia muita gente assistir a formatura, e aproveitava e passava no salão onde estavam expostos, os trabalho, mas não era venda, cada um fazia o seu, e conduzia, tinha nada a venda, ficava exposto assim, quatro a cinco dias, depois a gente ia buscar.” (D. Natércia)

Ela não se recorda se havia alguma divulgação em jornais da cidade, cartazes ou rádio, convidando a população para as exposições. Mas, como as mesmas aconteciam no mesmo dia do evento da formatura, eram bem visitadas.

Recorda-se ainda do trabalho de algumas colegas de turma:

“Final de ano, tinha que expor seus trabalhos. Gostava... Gostava... tinha minha menina Lui (inaudível), que tinha trabalhos lindos, tinha uma menina de Salgueiro, eu lembro que fazia umas toalhas de radange, conhece aquele ponto? É com tecido de linho, abre, caseia, faz trabalho muito bonito. O tricô artístico, eu não consegui aprender o tricô artístico, tem uma colega, que uma amiga minha que faz colchas em tricô artístico, ela ainda é viva.” (Natércia)

Joselita recordou que as exposições eram abertas aos familiares e população. Era um momento de muita movimentação na escola, todos querendo ver os trabalhos e os álbuns das alunas, até mesmo elas gostavam de ver os trabalhos umas das outras. E ressaltou que seus tricôs eram bem elogiados e admirados, ela dominava bem a técnica do tricô artístico, chamando a atraindo os olhares dos visitantes da exposição.

Antônia não comentou sobre as exposições.

O interessante perceber que tais exposições reforçavam o papel feminino na sociedade que era o de produzir para o lar. Funcionavam como vitrines onde apresentavam as moças prendadas para o público visitante. Pois, ao incorporar a

disciplina de Trabalhos Manuais nos currículos, de acordo com Louro (2002, p. 458), “os cursos estariam não apenas contribuindo para a formação da moderna mestra, mas poderiam ser, também, um valioso estágio preparatório para o casamento e a maternidade”.

No caso das mocinhas de Triunfo que entrevistei, todas são professoras, algumas formandas em cursos superiores e até de pós-graduação. Subverteram a ordem de se tornarem apenas esposas e mães. Casaram-se, tiveram filhos, mas também trabalharam como professoras, ou em outras profissões. Trouxeram ainda, do tempo de escola, as feiturinhas com as linhas, fazendo de sua estética cotidiana seu modo de viver, seja produzindo profissionalmente seja para sua própria fruição.

4.3 A PARTICIPAÇÃO SÓCIO ECONÔMICA DAS MULHERES

Um dos pontos que trago em minha pesquisa é a reflexão sobre a percepção quanto a participação no desenvolvimento sócio econômico da cidade. Perguntei como elas se veem nesse processo, já que vendem, ou venderam em algum momento, as suas feiturinhas de crochê, bordados e tricô.

Responderam positivamente, pois se sentem participantes no desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade. Têm plena consciência de suas contribuições, principalmente no campo cultural, uma vez que boa parte de suas produções são compradas por turistas. Mas toda essa percepção é permeada de afetividades. A relação compra e venda, na concepção delas, está associada ao prazer do “fazer”. Vender a quem se encantasse de seus trabalhos e os encomendasse podia representar uma satisfação pessoal de reconhecimento pelo trabalho “bonito, caprichado e bem feito”. Isso fica mais claro em seus depoimentos a seguir.

4.3.1 Reflexão sobre papel social

Sem aprofundar na questão sociológica, entendo o papel social como um conjunto de normas que condicionam o comportamento humano, expressos por meio das inter-relações pessoais dentro do processo de socialização. Como resultado desse processo surge o status social, que se refere a posição que a pessoa assume na sociedade, constituído assim uma identidade individual e uma identidade coletiva.

Todos temos um papel social e ser reconhecida pelo que faz ou representa pode ser gratificante. No caso das mulheres da minha pesquisa, são reconhecidas como professoras aposentadas, artesãs, mães, avós... Como artesãs são identificadas pela beleza e qualidade de suas feitura.

Atualmente Antônia não produz mais profissionalmente seus crochês e bordados, dedica-se à produção de bolos e salgados para a padaria, atividade que passou a desenvolver desde o ano de 1998. Atualmente administra juntamente com seus filhos, além de produzir ela mesmo alguns dos bolos e salgados que vende. Reconhece a importância de seu trabalho para a cidade onde vive.

Socorrinho durante muitos anos, juntamente com seu marido produziram licores. Receita que aprendeu com uma prima de seu esposo que a incentivou a fazer e vender. *“...Eu comecei a fazer o licor de canela e depois fui aperfeiçoando com outras coisas, com outros sabores, né?”* (Socorro)

Com a produção e venda dos licores, sua casa sempre era visitada por turistas que iam em busca dos licores artesanais, uma tradição de Triunfo. Mas, essa é uma outra história que mistura uma tradicional receita de licor de rosas das freiras alemãs, com os sabores da terra produzidos por moradoras da cidade.

Voltando ao artesanato de Socorrinho, o que a incentivou a investir na atividade foi o interesse das pessoas que visitavam sua casa e se encantavam com seu trabalho, pois sua casa sempre estava, e ainda é, toda decorada com seus paninhos, toalhas, colchas e almofadas de crochê, feitas com muito esmero.

“AH, foi porque... eu gostava de fazer os trabalhos, tal. Aí fazia para mim, assim, para minha casa, e aqui uma pessoa pedia para fazer um centro de mesa, umas almofadas, aí eu comecei fazendo e vendia também, além de eu fazer para mim, eu também vendia algumas peças que faziam de encomenda, de colcha, já vendi muita colcha, de casal, de solteiro, de fuxico, né? O pessoal via as minha e encomendava, né? Licor sim, para os turistas começaram a experimentar, e gostaram, e gostaram, e eu comecei a tomar gosto também de o pessoal que vinha”. (Socorro)

Diante da pergunta: a senhora se vê como participante do processo de desenvolvimento econômico da cidade? Respondeu, que sim, pois a sua casa era constantemente visitada por turistas para degustar, comprar os diversos sabores de licor e ouvir as histórias bem humoradas sobre o licor de jatobá, narrada pelo seu esposo. O que lhe rendia além da venda dos licores, algumas encomendas de suas toalhas, colchas, paninhos e forros de almofadas, uma vez que sua casa sempre

estava ricamente decorada com seus crochês e fuxicos. Encantando os olhos dos turistas com a delicadeza e beleza de seus trabalhos.

Ela tem plena consciência da importância do seu trabalho e das outras artesãs para a cidade. E com entusiasmo relembra dos momentos em que sua casa enchia de turistas:

“Muito importante, o, o, o pessoal, a gente faz mais assim, pensando no turista né? Que o turista vem mais atrás de paninho de prato, capa de almofada, caminho de mesa, coisa pequena que eles possam transportar, e muitas, e muitas coisas eu fiz encomenda, que vinha no meu quarto ‘Ai, que colcha linda’ fiz muita colcha de encomenda assim, que elas, elas marcavam um tempo, depois ia pegar. Contribuo de qualquer maneira, tenho aquela satisfação de me visitar, né? De vir procurar o que eu tava fazendo de diferente, tirava foto e aquela animação”. (Socorro)

Afirmou, que a relação do artesanato com o turismo movimenta a economia. Uma vez que o turista, que vem de fora e compra os produtos da cidade, o dinheiro depois circula no comércio pelas mãos das artesãs que realizam suas compras. Sobre a movimentação econômica gerada pela venda dos produtos artesanais, Socorro comenta: *“É, é, tô movimentando a economia, comprando tudo aqui, né? A gente comprando as coisas aqui, vendendo tudo aqui”*. Sente-se satisfeita e orgulhosa com sua participação no processo de desenvolvimento sócio econômico e cultural da cidade, perceptível em seu suave sorriso.

D. Natércia afirma ser a lojista de artesanato mais antiga da cidade. Pioneira no trabalho em cima da temática dos Caretas, e na venda das máscaras. Não se recorda exatamente o ano que começou, fala em torno de 20 a 22 anos. Iniciou a atividade de venda das suas peças por acaso, quando fazia suas toalhinhas no canto do bar de seu esposo. Ela contou que quando os turistas que frequentavam o bar viam seus trabalhos ficavam encantados e queriam comprar. Então decidiu colocar uma estante num canto do salão do bar para expor sua produção. Depois passou a ocupar a loja vizinha onde é o seu estabelecimento até hoje. A ideia de montar uma loja foi pensada junto com a filha Janaína, como descreve em sua fala:

“Minha filha foi secretária do turismo, Triunfo tinha uma carência de artesanato, chegava os turistas e meu esposo tinha bar, aí eu ficava aí, que ele viajava muito, eu ficava para não ficar junto com o pessoal bebendo, tinha uma mesa reservada assim, eu ficava fazendo, aquela toalhinha de mão, coisinhas, deixava lá os turistas chegar, mas Triunfo é pobre de artesanato, eles comparavam as toalhinhas, os panos de prato, aí conversando com minha filha, que era secretária de turismo, contava essa história a ela, e ela dizia ‘realmente não tem’, eu dizia, ‘oh Janaína, vamo criar um artesanato

para Triunfo em cima do Careta, que o Careta já é uma figura daqui', ela 'bora', é, abriu aqui." (Natércia)

Joselita tem um lindo trabalho em tricô artístico, são toalhas belíssimas de uma qualidade singular. Vendia sempre para as amigas sob encomenda, por essa razão não faz essa relação com a participação econômica no desenvolvimento da cidade. Hoje não produz mais, sente-se limitada por não ter mais acesso às revistas que utilizava com os modelos. Relata que já procurou tanto por publicações recentes como as mais antigas e não consegue achar as revistas em português.

O reconhecimento da participação econômica é mais evidenciado nas mulheres que desenvolveram mais, efetivamente, as atividades comerciais dos seus fazeres artísticos. Como é o caso de Socorrinho e Natércia, ambas mantiveram por muitos anos uma relação direta com a comercialização de suas feitura e com a clientela, principalmente Natércia que mantém até hoje sua lojinha na cidade.

4.3.2 Relações econômicas permeadas de afetividades

Felicidade... Satisfação... Reconhecimento... Amizade... São algumas palavras repetidas inúmeras vezes pelas mulheres que entrevistei. Esses sentimentos é o que as movem a realizarem seus fazeres artísticos. Algumas guardam para si e outras mostram e vendem. Mas, essa relação entre o fazer, mostrar e vender transita entre o econômico e o afetivo, ao mesmo tempo que comercializam e tratam com os turistas, constroem laços de amizade e respeito com eles, que na opinião delas é o mais importante e gratificante.

Em suas poucas palavras sobre as transações comerciais dos crochês e bordados, Antônia, relembra de como começou a vender sua produção:

"O que me motivou a vender é que uma vez eu fiz um caminho de mesa muito bonito para mim, aí chegou uma colega de Serra Talhada e achou muito bonito e perguntou se eu vendia, eu disse: 'vendo', aí vendi, aí achei que, é, e a partir dali eu poderia, é, vender, comercializar o trabalho manual, o croché e o bordado. [...] teve uma época assim que eu vendia muitas toalhas em croché, muitos caminhos de mesa, bordado da vovó e por aí vai." (Antônia)

É notório na fala de Antônia, que as relações comerciais se estabeleceram a partir das relações interpessoais, onde sua primeira transação foi realizada com a amiga, e assim se sucedeu em outros momentos, pois a principal forma de venda era mais por indicação.

Socorro tem consciência de seu papel social como coparticipante no desenvolvimento econômico da cidade e deixa isso bem claro nos relatos anteriores sobre sua participação sócio econômica. Reconhece ainda a importância de sua produção, tanto artística, quanto dos licores, como contribuições no campo da cultura, já que, o que ela produz faz parte do legado cultural de Triunfo.

Mesmo assim, não deixou de construir uma relação de afetividade tanto com o seu fazer, que para ela representa um prazer, quanto na relação com sua clientela. Como relata a seguir:

“Eu acho assim, que todo mundo, todas as pessoas que vinha, um grupo de pessoas, sempre me procuravam, os guias turísticos sempre iam atrás de mim, para saber qual o tipo de licor que tinha, assim, minha casa era cheia, né? Quer dizer, final de semana era casa cheia de turista, degustando tudo, naquela animação, isso a gente ficava feliz, né? E fazer muita amizade, né? E vê que tava contribuindo para alguma coisa, né? Hoje em dia elas vem atrás de mim e fazem ‘Mas porque a senhora não faz mais?’ e eu digo ‘Eu não tenho mais condições, né?’” (Socorro)

Se sente feliz com o reconhecimento pelo seu trabalho, o qual dedicou muitos anos, e completa: *“Sinto, sinto. A gente sente recompensada né? Muitas vezes eu vou na cidade e ‘Oh, a mulher do Licor’, vem, me abraça, a gente se sente gratificada com isso, né? É muito gratificante esse trabalho de lidar com o povo.” (Socorro)*

D. Natércia não se refere a sua produção com uma visão unicamente mercadológica, mas na relação de troca com o turista. Ou seja, o turista gosta da cidade, quer levar uma lembrança, e ela como artesã atende a essa expectativa do turista. A consciência da participação está mais no âmbito das relações afetivas com o outro, através das peças que produz, e não visando apenas o mercado, isso é uma consequência da relação de troca. A preocupação dela em produzir em cima da imagem do Careta, reflete o desejo de mostrar aos turistas um dos elementos da cultura local, para que o mesmo, em seu lugar de origem, se recorde da cidade ou até mesmo presenteie os amigos e parentes com as “lembrancinhas”, como me relatou em um outro momento. É como se em cada peça ela imprimisse uma identidade pessoal, e amor à cidade, e seu desejo seja compartilhar esse sentimento.

Percebo essa mesma relação de afetividade com as demais artesãs. É como se em cada toalha, paninho, colcha, almofada, cachecol tivesse um pedacinho delas. A relação peça-artesã vai além de uma relação mercadológica rasa, é uma relação de afeto e apreço por cada uma das peças, algo muito mais profundo e pessoal.

D. Natércia se mostra preocupada quanto a continuidade de seu trabalho, a perpetuação da tradição do artesanato dela. Apesar de alguns de seus filhos produzirem algumas das peças, como é o caso dos objetos de papel machê com o tema do Careta. Ela se queixa da falta de interesse dos jovens da cidade em aprender a fazer crochê, tricô, bordados entre outros artesanatos. Se mostra sempre receptiva quando alguma “mocinha” diz que quer aprender, mas termina por não acontecer as aulas, e desabafa:

“Olha, não é tanto como eu almejava, porque às vezes chega mocinha aqui dizendo que quer aprender e eu ‘venha, venha aprender’ ...diz quer aprender um bordado, uma qualquer coisa, eu digo ‘vá, vá de tarde para lá que eu ensino’, não aparece, quer dizer, poderia ser bem... porque daqui a pouco eu me vou, e poderia ficar alguém ali fazendo, né?” (Natércia)

Ao questioná-la novamente, como se ver no processo de desenvolvimento econômico e cultural da cidade ela responde:

*“Sim. Olhe, porque sempre me procuram, gostam de meu trabalho, elogiam.”
“Eles olham e diz que tá lindo esse verde, (aponta para uma peça da loja) eu digo, ‘meu filho que faz’, e... a gente sempre se vê... É tem pessoas que vem, retornam, me procura de novo, faço amizades... (relata nesse momento um fato sobre uma senhora de Recife, que construiu uma amizade pessoal) aí ficamos tão amiga ela... me telefona, bota mensagem no zap, constantemente eu tenho uma mensagem dela, já me convidou para ir à casa dela aí tudo isso é gratificante, né?” (Natércia)*

Nota-se nesse relato, o que já mencionei anteriormente, sobre a relação afetiva com o cliente, e não apenas uma relação fria de venda.

Com base nas suas narrativas, perguntei-lhe como ela vê Triunfo hoje com relação ao turismo, a venda de artesanato, essa relação com as pessoas que vem de fora, se gostam do artesanato, se sente falta de mais artesanato na cidade. Sua resposta foi justamente um resumo das observações que ela já havia feito em outros momentos em que estive na cidade e visitei sua loja:

“No momento, eles até que não reclamam como quando eu comecei, que era pobre, hoje já tem muito, sendo que vem muito trabalho de fora, e aqui eles colocam o nome Triunfo, muita coisa, mas... tem muitas lojinhas, já observou? Como tem? Tem muito, você até sente que tem muita coisa de fora, né? Que não é de dentro. O pessoal conhece, chegam aqui e comentam, tem muita coisa de Caruaru, do Ceará, e tal, quem viaja sabe que não é tudo daqui, mas eu faço questão de trabalhar mais com o Careta, com produtos daqui.” (Natércia)

Já Joselita não entra em detalhes sobre a relação comercial de suas tricôs, mas em seus relatos afirma que sua produção era compartilhada com familiares e amigas. Geralmente produzia para si mesma, e tem especial carinho pelas suas feiturinhas que guarda com maior zelo, até hoje. Comentou: *“vez por outra, uso uma toalha de mesa bem bonita, daquelas grandes, em ocasiões especiais, aniversário ou festas de final de ano”* (Joselita). Nutre imensa afetividade com suas peças de tricô artístico, suas agulhas, suas revistas antigas, fotografias da época do colégio e suas memórias.

Ao analisar suas falas e notar suas expressões, percebi o quanto valorizam as relações afetivas com os clientes. Não os vendo apenas como um mero turista comprador, e sim como pessoas com suas próprias referências, histórias e experiências de vida. Eu mesma sou testemunha dessa relação desde quando revisitei Triunfo em 2013 até hoje. Sendo sempre bem recebida, com sorrisos e abraços afetuosos, em seus espaços.

4.4 PRODUZINDO SENTIDOS, AS LINHAS COMO RAZÃO DE VIVER

Ao pesquisar o significado da palavra LINHA, me deparo com uma grande lista de sentidos. Em diversos dicionários têm como primeira definição: “fio de fibras torcidas de linho, algodão, seda, sintéticas etc., usadas em costuras, bordados, rendas etc” (Dicionário Online de Português, 2009-2020). Seguindo adiante nas definições percebo que as linhas estão em toda parte, nos **cercam** (linha do horizonte, meridianos), nos **conduzem** (trilho, linha férrea, linha de ônibus), nos **limitam** (fronteiras, andar na linha, não sair da linha, não perder a linha), nos **libertam** (sair da linha, ideias e pensamentos). Cada traço da palma da mão, a **linha da vida**. Indo mais adiante, na mitologia dos celtas, os seguidores do culto da Grande Mãe acreditavam que ela determinava o destino dos homens, tecendo os fios de suas existências. Da mesma forma que as Moiras, da mitologia grega tinham o poder tecer e cortar o fio da vida de todos os seres.

Nota-se que é marcante a relação da linha com a nossa vida, seja de forma simbólica e imaginária ou real e concreta, ela está lá sempre presente. O ato de tecer, bordar, tricotar, crocheter, costurar, remete a ideia do poder de criar, do poder de devanear... ir além do pensamento. Percebo esses sentimentos na fala das mulheres que tecem, pois, imersas em seus pontos conseguem ir além de seus próprios pensamentos.

Para Antônia o trabalho manual é uma terapia, pois quando se está bordando, tricotando, crochecendo ou fazendo qualquer tipo de trabalho manual a pessoa esquece das preocupações. Para ela é uma atividade prazerosa que ainda realiza com frequência, não mais para vender e sim para seu lazer, afirmou:

“Olhe, eu vou lhe dizer uma coisa, a coisa mais certa que existe é quando alguém diz assim: ‘trabalho manual é terapia’, porque realmente é uma terapia, na hora que você tá bordando, tricotando, crochecendo, fazendo qualquer tipo de trabalho manual você esquece, você esquece realmente das preocupações. Hoje eu disse que não faço mais assim, para vender, mas ainda dou uma crochetedinha, uma bordadinha eu sinto saudades, aí quando eu sinto saudade eu faço alguma coisa, mas fazer trabalho manual é muito gostoso, sabe?” (Antônia)

E completou sorrindo, reafirmando seu sentimento de felicidade em relação as suas feitura com o crochê:

“Ah, eu me sinto feliz, sabe? Eu me sinto muito bem, e, o bom, o bom é que eu noto que eu ainda sei fazer aquilo, que eu ainda sei trabalhar no crochê, e eu tenho comigo, eu não gosto do crochê fácil eu gosto do crochê difícil, aquelas amostras bem difíceis, que é para quebrar mesmo a cabeça, eu gosto daquele croché que é bem trabalhado, bem artesanal, bem artístico, mas hoje eu ainda faço algumas coisa, não para vender, faço alguma coisa para casa mesmo.” (Antônia)

Para Socorrinho os trabalhos com linhas que realiza todos os dias, é um prazer. É o que lhe traz satisfação. Sua casa está sempre bem decorada com seus paninhos e almofadas.

Ao perguntar-lhe como se sente quando está realizando seus trabalhos ela respondeu com um suspiro seguido de um largo sorriso:

“Me sinto assim, leve... Des, me despreocupo de tudo, né? Porque quando a gente tá trabalhando, a gente se despreocupa das coisas da vida, eu gosto de fazer, não gosto de ficar sem fazer nada, desde que eu me aposentei eu procuro sempre fazer, e antes de eu me aposentar eu não fazia muito não, tinha que trabalhar, ir para escola, trabalhava, trabalhei lá na Telpe, dois expedientes, aí não tinha tempo, mas depois que me aposentei, eu comecei a, a fazer essas coisas e, e, tomava meu tempo, né?!” (Socorro)

Sobre os seus sentimentos e de como se sente quando está trabalhando com suas linhas e fuxicos, Socorrinho falou emocionada do prazer que tem em fazer algo produtivo. Se sente feliz, produtiva, realizada. Ainda atende às encomendas, fazendo com toda dedicação e carinho.

Se sente feliz, “...porque... é muito ruim você ficar sem fazer nada, eu não consigo ficar sem fazer nada, aí a tarde eu tenho que ter alguma coisa, e a noite num sei, ficar numa televisão, sem ter um trabalho para eu fazer.” (Socorro)

Diante da pergunta: como a senhora se sente quando está fazendo seus trabalhos? A expressão de satisfação e alegria tomou conta do rosto de Natércia. Chegou até a parar por uns instantes o bordado que produzia. E respondeu com um largo sorriso nos lábios:

“Muitíssimo bem, me sinto realizada com isso aqui. Às vezes eu tô em casa e penso vou para o meu cantinho descansar, porque em casa eu fico mexendo numa coisa outra, aqui eu sento e relaxo, é um relaxamento, o tricô, o croché o bordado, lá em casa o sofá já tá uma mochila com apetrechos de ficar trabalhando... Na horinha que dá eu já tô fazendo, eu não sei ficar parada, eu digo que parece que foi uma droga, que...” deixou a frase incompleta. (Natércia)

Quando fala em “meu cantinho” ela está se referindo a loja, a sua mesinha de trabalho. O espaço em que passa a maior parte do dia trabalhando com seus bordados, crochês e tricô, e recebendo suas visitas sempre com uma boa conversa e o acolhimento característico do povo de Triunfo.

Joselita via no seu trabalho um desafio. Comentou entusiasmada: “é uma técnica difícil, não é todo mundo que acerta fazer, não”. A medida que ia me mostrando suas toalhas percebi sua expressão de satisfação e felicidade. Mostrar sua arte, era mostrar um pouco de si. Era visível como se alegrava em simular como trabalhava com tantas agulhas ao mesmo tempo. Era uma demonstração de grande habilidade, daí o motivo de tanto orgulho. Inclusive D. Natércia em seus relatos cita o trabalho dela, se referindo a “uma amiga que fazia tricô artístico”. Pelo que apurei ela se destacou bastante, na cidade, com seu tricô artístico.

Joselita lembrou dos momentos que dedicou horas ao delicado trabalho e lamentou não conseguir mais realizar hoje em dia. Para ela foram momentos felizes, pois conseguia se desligar da vida corriqueira e pensar só nos pontos que tinha que dar.

E assim termino a história das meninas que aprenderam seus primeiros pontos nas salas das grandes janelas do Colégio Stella Maris. Cada uma produz ao seu modo, apesar de terem aprendido da mesma forma.

Pontos... Nós... Pontos... Nós.... E seguiram cada um deles como quem segue uma estrada (uma linha), que as levaram por caminhos distintos, construindo suas próprias histórias, produzindo sonhos, criando identidades.

...E saio dessa história revigorada trazendo comigo os segredos das linhas maravilhosas....

Figura 58 - Portão principal do colégio



Fonte: Veruschka Greenhalgh

5 ARREIMATE PERFEITO, FINALIZANDO HISTÓRIAS

A cada instante que revivemos uma experiência passada, ela nos chega carregada com as nossas referências atuais. Transforma-se, se renova, e assim, construímos um novo olhar sobre ela. E foi isso que aconteceu comigo durante todo o processo da pesquisa. Ao elaborar o projeto, buscava um objetivo, mas ao percorrer os caminhos para alcançá-lo fui direcionada por outros rumos. Quando busquei os elementos para compor a pesquisa nas narrativas pessoais de vida, me deparei com um fato crucial, a procura não se esgota! Fluiu, parecia não ter fim, a cada encontro novas histórias se entrelaçavam, a cada visita uma nova imagem, uma nova informação, e esse fio foi desenrolando, desenrolando, como um imenso novelo.

O encontro com as ex-alunas, “mulheres que tecem memórias, do Colégio Stella Maris para a vida” pairou entre lembranças e experiências pessoais. Cada uma contou uma história, embora fosse a mesma de todas, mas cada uma do seu jeito, cada uma com seu olhar. Recontaram as suas vivências nas aulas de Trabalhos Manuais do Stella Maris, falaram sobre suas feitura com as linhas e sobre seu papel social. Apesar de pontos de vista diferentes, suas histórias convergem para um mesmo ponto. Pode-se dizer então, que as memórias, mesmo sendo individuais são coletivas, à medida que as histórias de cada pessoa envolvida se entrelaçam, como defende Halbwachs (2003).

Suas narrativas se aproximaram e ao mesmo tempo se distanciaram. O ponto de aproximação se deu nos relatos sobre o processo de escolarização e os aprendizados das feitura com linhas das aulas de Trabalhos Manuais. Distanciaram-se ao tomarem seus próprios rumos na vida.

Seus relatos foram semelhantes em relação às aulas de Trabalhos Manuais. Diferenciando apenas na maneira como expressaram seus sentimentos. Todas alegaram que gostavam bastantes das aulas, apesar das freiras serem bem rígidas ao cobrar a perfeição das feitura. De certa forma até reconheceram que foi de fundamental importância tais exigências, pois acreditam que a qualidade dos seus trabalhos foi resultado muita dedicação a fim de conseguir o êxito que as Irmãs exigiam.

Reconheceram que os trabalhos manuais e tudo o que vivenciaram no colégio contribuiu para a formação integral, como: mulher, mãe, professora, artesã... Acreditam que foram bem preparadas para a vida feminina, como elas mesmas

falaram durante as entrevistas. Confirmaram, em unanimidade, que o que aprenderam no Stella Maris teve um impacto significativo em suas vidas, provocando transformações, produzindo afetos e compartilhando conhecimentos.

Sobre as feitura com as linhas, foi um dos momentos mais empolgantes das suas narrativas. Buscaram seus trabalhos para mostrar, explicaram os detalhes de como foram produzidos cada ponto. Sendo possível perceber com mais clareza os distanciamentos, pois cada uma tem sua própria identidade no fazer artístico, na sua estética. Os trabalhos diferem bastante uns dos outros, foi possível identificar diversas técnicas em suas feitura.

O que difere, por exemplo, o trabalho de Socorro e o de Natércia é o sentimento e a forma com que cada uma produz. Socorrinho tem sua atenção voltada à estética, se preocupando com a harmonia das formas, cores e materiais, como linhas e tecidos de seus crochês e fuxicos. Já Natércia se dedica as imagens que referenciam a cidade e seus elementos culturais, como os Caretas, imprimindo à sua produção uma identidade cultural, além da combinação estética de cores e formas. Da mesma forma o trabalho de Joselita se difere completamente das demais, devido a técnica do tricô artístico, que é bem peculiar.

Cada uma com seu próprio estilo, cada uma com sua própria estética.

Atualmente, a feitura com as linhas está em evidência, tanto da forma tradicional como peças de decoração, utilitárias e vestimentas, quanto na arte contemporânea, ganhando notoriedade nas mãos de diversas(os) artistas. É aí onde entram em cena as mulheres que tecem memórias em Triunfo, “especialmente porque as tradições das rendas, dos bordados e dos trabalhos manuais com agulha estão fortemente imbricadas com diversas manifestações culturais no país, de norte a sul, e ainda hoje são fontes de renda de muitas famílias”, trazendo Malta (2015, p.2).

O Stella Maris era uma instituição privada onde estudavam moças de classe média da cidade e região. As ex-alunas reconheceram que tiveram uma educação privilegiada devido às suas origens de classe.

Na questão sobre a participação econômica, as opiniões divergiram um pouco. Pois, cada uma se via nesse papel de forma diferente. O reconhecimento dessa participação, foi mais evidenciado nas mulheres que desenvolveram efetivamente atividades comerciais de seus fazeres artísticos. Como é o caso de Socorro e Natércia, ambas mantem uma relação direta com a comercialização de suas feitura e com a clientela, valorizando as relações afetivas nas suas transações.

As ex-alunas afirmaram que o fazer cotidiano das linhas trazem sentidos a suas vidas. Uma vez que todas atribuíram valores afetivos e terapêuticos às suas práticas artísticas com a linha, seja no bordado, no crochê e no tricô. Consideram suas atividades um refúgio, uma forma de se sair um pouco dos problemas ou conflitos pessoais. Nesse ponto seus discursos foram unânimes, todas relataram se sentir bem quando estão produzindo.

Falaram que se sentem realizadas, felizes e gratificadas pelo reconhecimento das pessoas por suas feitura. E esses sentimentos é o que as movem a realizarem seus fazeres artísticos. Cada uma produzindo a seu modo criando suas próprias identidades. Algumas guardam para si e outras mostram e vendem. Mas essa relação entre o fazer, mostrar e vender transita entre o econômico e o afetivo, ao mesmo tempo que comercializam e tratam com os turistas, constroem laços de amizade e respeito com eles, que na opinião delas é muito importante e recompensador.

E foi justamente essa relação afetiva com suas feitura, com as suas estéticas, que me emocionou, que mexeu comigo, que me fez voltar no tempo de criança e lembrar de minha mãe tecendo suas linhas, na feitura do crochê. E de como eu amava os trabalhos com linhas. Para mim era mágico, ver uma simples linha se transformar em alguma coisa, tanto no bordado, quanto no crochê. Chamava de “linhas mágicas maravilhosas”.

Diante de tudo o que vi, que vivi e aprendi, durante todo o processo de construção da pesquisa, na imersão entre leituras, visitas, encontros, produção imagética, relatos de experiências, vivências... percebi que este estudo possibilitou o entendimento sobre o processo de construção da tradição do artesanato na cidade de Triunfo/PE, a partir do ensino da disciplina de Trabalhos Manuais do Colégio Stella Maris. Tal pesquisa estimulou a formação de um olhar reflexivo em relação a educação feminina dos meados do século XX.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **O vigor das tradições culturais dos sertões na ação de educar**. Anais do V Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI. "A escritura da pesquisa em Educação e suas diversas linguagens". 18 a 20 de março de 2009. Disponível em:
<[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.16/03_Miguel %20Almir%20Lima%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.16/03_Miguel%20Almir%20Lima%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf)> Acesso 13 de jun. 2017.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BATISTA B.; PEREIRA A. M.; OLIVEIRA C. A. ;WENER H.. **70 anos da irradiação da Estrela no Brasil**. Gráfica Dom Bosco de Artes e Ofícios - Recife/PE, 2008.
- BATISTA E SILVA, Maria Regina M. **O universo da bordadeira estudo etnográfico do bordado em Passira**. Recife – Pernambuco. Junho de 1995
Disponível em:
<<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/16973/1/39S586u%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: Out.2019.
- BORRE, Luciana; ANDRADE, L. ; SILVA, M. B. Bordando - muitos - nós e pontos isolados: investimentos afetivos para/na escuta do outro. In: José Carlos de Paiva. (Org.). **As artes, a luta, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas**. 1ed.Porto: Universidade do Porto, 2018, v. 1, p. 149-168.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** / Ecléa Bosi - 3 ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUARQUE, Chico. **Pedaço de Mim/ Ópera do Malandro**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1979. Long-Play (55 min)
- CANCLINI, Nestor García. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. México, DF. Editorial Nueva Imagem SA, 1982.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- DEDÉ MONTEIRO, José Rufino da Costa Neto. **Uma pequena Estrela que caminha sobre a Terra/ História da congregação Franciscana de Maristella**. Santa Cruz da Baixa Verde, PE: Gráfica Folha do Interior, 2008.
- Dicio, Dicionário Online de Português. **Definições e significados de mais de 400 mil palavras. Todas as palavras de A a Z**. 2009- 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/linha/>> Acesso, Jan. 2020.
- HALBWACHS, Maurice. Fragmentos da la Memoria Colectiva. **Revista de Cultura Psicológica**, Año 1, Número 1, México, UNAM- Facultad de psicologia, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

IBGE, PERNAMBUCO/TRIUNFO. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **História**. | v4.3.14.0. - 2017a. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/triunfo/historico>> Acesso em: Nov. 2018

IBGE, PERNAMBUCO/TRIUNFO. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama**. | v4.3.14.0. - 2017b. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/triunfo/panorama>> Acesso em: Nov. 2018

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIORE, D. M. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.

LOPES, Diana Rodrigues. **Triunfo a Corte do Sertão**. 1 ed. Santa Cruz da Baixa Verde, PE: Gráfica Folha do Interior, 2003.

MALTA, Marize. **Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento na história**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. 27 a 31 de julho de 2015. Florianópolis -SC. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433811122_ARQUIVO_AartedebordaroesquecimentonahistoriaREVISADOMARIZEMALTA.pdf> Acesso em: Mar. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1996.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Ed. Publicações Europa-América, Lda, Portugal: 1994.

NICARETA, Samara Elisana. NASCIMENTO, Elizabet Ristow. **A imagem feminina nos livros didáticos nos anos 1930-40**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2009_1241.pdf> Acesso em: 01 de Nov. 2015.

RICHTER, Ivone. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SCHWARTZMAN, S; BOMENY, H.M.; COSTA, V.M.R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

VIEIRA DA COSTA, Eremilda; Maria De Oliveira Galvão, Ana. **De Augsburg para Pernambuco - Irmãs franciscanas de Maristella formando professoras - Timbaúba/PE, 1938 a 1950.** 2003. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Porto Alegre: Artmed, 2004.